

## **ENTRE O PASSADO E O FUTURO DO VALE DE CHELAS**

Reutilização da Fábrica Tinturaria Portuguesa



**João Pedro de Figueiredo Paixão**

(Licenciado)

Projeto final para a obtenção do grau Mestre em Arquitectura

### **Equipa de Orientação**

Professor Doutor Mário Say Ming Kong

Professora Doutora Maria João Pereira Neto

### **Júri**

Presidente: António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Vogal: Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Lisboa, FAUL, Março 2019



## **ENTRE O PASSADO E O FUTURO DO VALE DE CHELAS**

Reutilização da Fábrica Tinturaria Portugália

**João Pedro de Figueiredo Paixão**

(Licenciado)

Projeto final para a obtenção do grau Mestre em Arquitectura

### **Equipa de Orientação**

Professor Doutor Mário Say Ming Kong

Professora Doutora Maria João Pereira Neto

### **Júri**

Presidente: António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Vogal: Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Lisboa, FAUL, Março 2019





## RESUMO

O presente projeto propõe uma reflexão, à escala urbana e arquitectónica, sobre edifícios industriais que se encontram em ruína no Vale de Chelas, a oriente da cidade de Lisboa.

Torna-se fundamental investigar as razões pelas quais esta zona da cidade ainda permanece expectante em comparação com a restante e encontrar soluções que invertam essa situação.

Este exercício parte da premissa de estudar o passado, entender o contexto atual e propor soluções, através da arquitectura, de forma a revitalizar esta zona oriental da cidade de Lisboa.

Para isso foram abordados diversos temas, tais como: a cidade vista como palimpsesto, o património industrial e os conceitos fundamentais para uma revitalização urbana eficiente.

O projeto incide sobre as pré-existências da Fábrica Tinturaria Portugália, para a qual se propõe um programa com um cariz socioeconómico bastante forte e com o propósito da reutilização da fábrica como motor de uma nova microcentralidade.

Ao longo deste exercício procurou-se o diálogo entre os conceitos de memória do lugar, respeito pelo património e contemporaneidade.

**Palavras-Chave:** Património Industrial; Vale de Chelas; Tinturaria Portugália; Reabilitação; Intergeracional

(166 Palavras)

### TÍTULO:

Entre o Passado e o Futuro do  
Vale de Chelas - Reabilitação da  
Fábrica Tinturaria Portugália

### AUTOR:

João Pedro de Figueiredo Paixão

### ORIENTADORES CIENTÍFICOS:

Professor Doutor  
Mário Say Ming Kong

Professora Doutora  
Maria João Pereira Neto

Mestrado Integrado em  
Arquitectura

Lisboa, Março 2019



## ABSTRACT

This project purpose a reflection, in an urban and architectonic scale, about the industrial buildings that are in ruin in Vale de Chelas, in the orient side of Lisbon.

It is essential/critical to search for the reasons this area is remaining in suspense, stopped growing in comparison with the rest of the city, and found solutions to surpass this situation.

This effort starts with the idea of studying the past, understanding the current context and offers solutions to revitalize the oriental side of Lisbon, through the architecture.

For that were analyzed several topics, such as the city like a palimpsest industrial heritage and the vital concepts for efficient urban revitalization.

This project focuses on the preexistence of the Tinturaria Portugália industry, to which purpose a program with a strong socioeconomic component and with the aim of reutilizing the factory as an engine of a micro-centrality.

Throughout this exercise, the dialogue sought between the concepts of the place memory, respect for heritage and contemporaneity.

**Keywords: Industrial Heritage; Vale de Chelas; Tinturaria Portugália Rehabilitation; Intergenerational**

(163 Words)

### TITLE:

Between the past and the future  
of Chelas Valey – Rehabilitation  
of Tinturaria Portugália factory

### AUTHOR:

João Pedro de Figueiredo Paixão

### ADVISORS:

PhD in History and Theory of  
Architecture

Mário Say Ming Kong

PhD in History

Maria João Pereira Neto

Integrated Master in  
Architecture

Lisbon, March 2019



## AGRADECIMENTOS

Aos moradores e habitantes das ruas do Vale de Chelas que entre conversas informais e visitas enriqueceram este trabalho.

A todos os que fizeram parte deste percurso, colegas e professores, pela partilha de conhecimento, experiências e ideias que trocamos ao longo dos últimos cinco anos.

Aos meus orientadores, Professor Mario Kong e Professora Maria João Neto, pela sua disponibilidade, dedicação, partilha de conhecimento e conversas.

Aos amigos, principalmente os que vieram desde o Norte e Sul para nos encontrarmos na “casa do povo” e que desde o primeiro dia até hoje permanecem presentes para além da Faculdade de Arquitectura.

À Margarida por todo o apoio, paciência, motivação, que apesar de não fazer parte do mundo das artes se atreveu a acompanhar-me nesta jornada.

E principalmente, aos meus pais por sempre me terem permitido seguir os meus sonhos, apoiando e acreditando em mim.

A todos o meu sincero obrigado.



# ÍNDICE

RESUMO .....	i
ABSTRACT .....	iii
AGRADECIMENTOS .....	v
ÍNDICE .....	vii
ÍNDICE DE IMAGENS .....	ix
ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS .....	xi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE .....	3
1.1 A Cidade como Palimpsesto.....	3
1.2 Património Industrial .....	4
1.2.1 Conceito de Património Industrial .....	4
1.2.2 Novos Usos para o Património.....	7
1.2.3 O Caso da Tinturaria e a sua Envolvente .....	8
1.3 Revitalização Urbana .....	9
1.3.1 Aspetos Sociais.....	11
1.3.2 Aspetos Económicos.....	13
1.3.3 Condições Ambientais .....	14
1.3.4 Aspetos Físicos e de Imagem.....	15
CAPÍTULO 2 - ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.....	17
2.1 Escala Urbana – Vale de Chelas.....	17
2.2 Escala Arquitectónica - Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais.....	21
2.3 Escala Arquitectónica – Fábrica Tinturaria Portugalíia .....	24
2.3.1 Organização Espacial.....	26
CAPÍTULO 3 - CASOS DE ESTUDO .....	31
3.1 Antigo Matadouro do Porto – Kengo Kuma & OODA.....	31
3.2 HIBINOSEKKEI + Youji no Shiro.....	33
3.3 São Lourenço do Barrocal – Eduardo Souto Moura.....	34
CAPÍTULO 4 - FUTURO DA ANTIGA TINTURARIA PORTUGÁLIA.....	37
4.1 Construção do Programa.....	37
4.2 Centro Intergeracional .....	37
4.3 Mercado .....	40

4.4 Espaço Público e a Relação com o Edifício.....	43
4.5 A Interligação entre Centro Intergeracional e o Mercado .....	44
4.6 Cobertura.....	46
4.7 Materialidade .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51
ANEXOS .....	57
Anexo I – Cartografia Histórica.....	59
Anexo II – Iconografia Histórica .....	71
Anexo III – Dados Estatísticos e de Análise .....	97
Anexo IV – Modelos Tridimensionais.....	103
Anexo V – Conversas Informais .....	119
Anexo VI – Apresentação .....	125



# ÍNDICE DE IMAGENS

1. "TOWNSHIP WALL", CHICAGO, 2001 AUTOR: ANTÓNIO OLE.....	3
2. METROPOLIS, 1923, AUTOR: PAUL CITROEN.....	3
3. REUTILIZAÇÃO DE UM ARMAZÉM FRIGORÍFICO DE BACALHAU PARA HABITAÇÃO COLECTIVA – CARLOS PRATA COM RODRIGO COELHO, 2008, FOTOGRAFIA DE LUÍS FERREIRA ALVES .....	8
4. REAL VINÍCOLA – CASA DA ARQUITECTURA - GUILHERME MACHADO VAZ, 2017, FOTOGRAFIA DE LUÍS FERREIRA ALVES.....	8
5. ARCOS DOS VIADUTOS DA CP .....	17
6. CAIS DE XABREGAS (1970) .....	18
7. VALE DE CHELAS (1990).....	18
8. VISTA AÉREA DO B.º DA MADRE DE DEUS A ALVALADE, LISBOA, 1955. MÁRIO DE OLIVEIRA. ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA C.M.L .....	18
9. CHEIAS NO MERCADO DE XABREGAS (1946) .....	19
10. VALE DE CHELAS (2015) .....	19
11. VIADUTO DE CHELAS (1910). JOSHUA BENOLIEL. AML .....	21
13. ESTRADA DE CHELAS, LISBOA, 1983.....	22
12. RUA GUALDIM PAIS (1969).....	22
14. ESTRADA DE CHELAS, 2015 .....	22
15. RUA GUALDIM PAIS - (1989) - FOTO DE APS .....	23
16. PLANTA TOPOGRÁFICO FILIPE FOLQUE (1856 - 1858).....	24
17. PLANTA TOPOGRÁFICA SILVA PINTO (1905-1906) .....	24
18. PRIMEIRO REGISTO DA FÁBRICA TINTURARIA PORTUGÁLIA (1888) .....	24
19. SESSÃO DE INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA AMIDEX .....	25
20. INSTALAÇÕES DA FÁBRICA AMIDEX NA SUA INAUGURAÇÃO .....	25
21. PUBLICIDADE DE UMA DISTRIBUIDORA DA FÁBRICA .....	25
22. FARINHA SALUZENA, PRODUZIDA NA FÁBRICA AMIDEX (1945).....	25
23. PROMOÇÃO FARINHA SALUZENA .....	26
24. TINTURARIA PORTUGÁLIA ALGUNS ANOS APÓS O SEU ENCERRAMENTO (1998) FOTO DE ANTÓNIO SACHETTI .....	26
25. LEVANTAMENTO E PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL PELO ARQUITECTO MANUEL MENDES TAINHA, 1949.....	26
26. ESTADO ATUAL DA FACHADA VIRADA A ESTE (2018) .....	29
27. PROJETO PARA A SUBSTITUIÇÃO PARCIAL DA FACHADA, A CARGO DA FIRMA BARROS E SANTOS, 1923.....	29
28. ESTADO ATUAL DOS VÃOS DA FACHADA VIRADA A ESTE (2018) .....	29
29. À ESQUERDA A CHAMINÉ QUE RUIU E À DIREITA UMA DAS AINDA EXISTENTES. ....	30
30. PROPOSTA PARA A RENOVAÇÃO E EXPANSÃO DO ANTIGO MATADOURO DO PORTO. 31	
31. ESTADO ATUAL DO MATADOURO .....	32
32. CONTEXTO.....	32
33. PROPOSTA DE ACESSO ATRAVÉS DE PONTE PEDONAL.....	32
34. PROPOSTA PARA REUTILIZAÇÃO OU ALTERAÇÃO DAS COBERTURAS.....	32
35. PORMENORIZAÇÃO DO SISTEMA DE COBERTURA .....	33
36. D.S NURSERY / HIBINOSEKKEI + YOUJI NO SHIRO (2015) FOTO DE STUDIO BAUHAUS.....	33
37. OA KINDERGARTEN / HIBINOSEKKEI + YOUJI NO SHIRO (2016) FOTO DE STUDIO BAUHAUS.....	33
38. NFB NURSERY / YOUJI NO SHIRO + HIBINOSEKKEI (2016) FOTO DE: STUDIO BAUHAUS.....	34

39. SM NURSERY / HIBINOSEKKEI + YOUJI NO SHIRO (2016) FOTO DE: STUDIO BAUHAUS .....	34
40 - VISTA AÉREA DA HERDADE SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	34
41 - SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	35
42 - SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	35
43 - SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	35
44 - SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	36
45 - SÃO LOURENÇO DO BARROCAL (2016) FOTO DE NELSON GARRIDO .....	36
46. SISTEMA CONSTRUTIVO DE F.ZOLLINGER, MERSEBUR, 1922 .....	47

## ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

AML	Arquivo Municipal de Lisboa
ARU	Área de Reabilitação Urbana
CML	Câmara Municipal de Lisboa
DGOTDU	Direção geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
CF	Caminhos de Ferro
INE	Instituto Nacional de Estatística
RU	Reabilitação Urbana
PU	Plano Urbano
PDM	Plano Diretor Municipal
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage



## INTRODUÇÃO

O presente Projeto Final de Mestrado vem no seguimento do trabalho desenvolvido em Laboratório de Projeto VI que aborda a vida pós industrial do “cemitério de fábricas” na zona Oriental da cidade de Lisboa, mais concretamente, no Vale de Chelas. Esta problemática é o mote para desenvolver o projeto, que parte primeiramente da análise e contextualização do local desde o passado até ao seu estado atual, seguido da elaboração do projeto de reabilitação da fábrica Tinturaria Portugália reutilizando-a atribuindo-lhe novos usos.

O trabalho será exposto em quatro capítulos, sendo que três destes estão organizados consoante uma ordem temporal e uma escala espacial diretamente associada ao objeto em estudo.

O primeiro capítulo foca-se nas temáticas ligadas ao território e na forma como este é lido assim como nos principais conceitos necessários para que exista uma sustentação ideológica de todas as decisões tomadas na fase de projeto.

O segundo capítulo dá a conhecer o local de intervenção e pretende fazer um enquadramento desde o passado até ao presente deste lugar, através de uma análise temporal e espacial. Nesta última utilizam-se duas escalas distintas, a urbana e a arquitectónica sendo a arquitectónica a mais importante uma vez que versa sobre a ruína da fábrica Tinturaria Portugália – o principal foco do trabalho.

As escalas são abordadas separadamente no documento, no entanto, tanto no projeto como no território podem e devem ser lidas como um todo.

Os casos de estudo integram o terceiro capítulo e fazem referência a três projetos que estão ligados conceptualmente ao projeto. O primeiro está relacionado com o tema da revitalização urbana, o segundo com questões programáticas, espaciais e de materialidade enquanto que o terceiro, de uma forma mais abstrata, aborda o tema da memória do lugar e do respeito pelo património.

O quarto capítulo versa sobre o futuro e aborda fundamentalmente o projeto, desde a construção do programa e a sua justificação até à escala do detalhe construtivo e da materialidade.

A motivação para o desenvolvimento desta investigação, parte da possibilidade de trabalhar numa área da cidade de Lisboa que se encontra atualmente num processo de transformação. A oportunidade de implementar novas estratégias de revitalização, regeneração e requalificação urbana que surgem após o processo de desindustrialização e abandono pelo qual o Vale de Chelas passou ao longo dos anos.

As fábricas abandonadas e em estado de ruína oferecem a possibilidade única de investigação do território como palimpsesto, neste caso, no contexto industrial. A forma como as alterações e sobreposições moldam a cidade ao longo do tempo através dos seus diversos usos, práticas e formas abrem agora espaço à recuperação da memória do lugar, preservando o passado, analisando o presente e projetando o futuro.

A resposta arquitetónica tem então como objetivo a consolidação de todo este território, não só a nível arquitetónico mas também ambiental, económico e social, através da atribuição de usos que coadunem com o contexto, sensível, em que se inserem, dinamizando a sua dimensão pública e coletiva de forma a recriar vivências que são fundamentais para o equilíbrio do espaço a “habitar” e para a criação de uma nova centralidade.

## CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE

### 1.1 A Cidade como Palimpsesto

No contexto em que o projeto se insere é fundamental perceber o que é um palimpsesto urbano, qual o seu valor e o possível uso ao analisarmos a cidade desta forma.

O palimpsesto urbano é uma expressão usada como metáfora para o estudo da cidade através do cruzamento entre a história e a memória na tentativa de resgatar a essência de um lugar, através da sobreposição de inúmeras camadas no espaço físico e no tempo.<sup>1</sup>

Nesta abordagem, física e temporal, ao processo de reabilitação de uma ruína é crucial estabelecer uma relação entre o construído, o que se irá construir e o espaço/tempo entre ambos.

O passado remete-nos para o construído, para uma pré-existência que transporta em si a carga histórica do lugar, que nos transmite os antigos usos e valores contando a história da sua envolvente ajudando a compreender o que o sítio foi e o que este quer ser.

O espaço/tempo entre o que está construído e o que se irá construir é a principal fase de avaliação das camadas do palimpsesto. Esta permite definir se um edifício tem o valor necessário para ser reabilitado e reutilizado, sendo considerado Património e apto para funcionar como uma nova camada do palimpsesto ou se, por outro lado, fará apenas parte da memória.

De acordo com Andreas Huyssen<sup>2</sup> o estudo do território como palimpsesto e a forma como abordamos o património estão diretamente conectadas com a procura de uma resposta para o aumento do interesse pelas ruínas e pelo poder que colocam na sua envolvente desde a década de 1980s.

Culturalmente a sociedade deixou de olhar apenas para o futuro e passou a olhar também para o passado e para o existente, não apenas na arquitectura mas na maioria das artes, iniciando-se assim um



1. "Township Wall", Chicago, 2001 Autor: António Ole



2. Metropolis, 1923, Autor: Paul Citroen

<sup>1</sup> André Corboz (2001) *Le territoire comme palimpseste*

<sup>2</sup> Andreas Huyssen (2003) *Present Pasts, Urban Palimpsests and the Politics of Memory*

processo de seleção e reabilitação, nem sempre da forma mais correta, de edifícios pré-existentes.

A seleção dos sítios, complexos industriais e ruínas a reabilitar tiveram, e ainda têm, um critério de patrimonialização que não é consensual mesmo por parte das várias entidades a quem compete avaliar.

*“A partir da década de 1980s, o foco parece ter mudado entre o presente e o futuro, para o presente e o passado, e esta mudança na vivências e sensibilidade do tempo precisa de ser explicada histórica e fenomenologicamente ”<sup>3</sup>*

## 1.2 Património Industrial

Seguindo a lógica que foi abordada no capítulo anterior, é necessário saber distinguir e qualificar o que é, ou não, património, neste caso industrial, para que não se caia no erro, quer de destruir, quer de recuperar edifícios que em nada nos ajudam a entender a história de uma época, lugar ou edifício singular.

Para o desenvolver do projeto é importante compreender os conceitos que levam um edifício a ser considerado património industrial, os usos que o património pode e deve vir a ter, e por fim, diretamente ligado ao edifício em estudo, se este é um caso que pode ser visto como património industrial e quais as linhas de projeto que devem ser seguidas de forma a respeitar o edifício e todo o contexto em que este se insere.

### 1.2.1 Conceito de Património Industrial

Referindo a autora Maria da Luz Sampaio (2015), o começo da proteção do património industrial tem início em Inglaterra, na década de 1950s, após a destruição de inúmeras fábricas, durante a fase final da segunda guerra mundial.

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor. No original “Since the 1980s, it seems, the focus has shifted from present futures to present pasts, and this shift in the experience and sensibility of time need to be explained historically and phenomenologically.” (Huyssen, 2003. p.21)



O Património Industrial, principalmente nos países da Europa do sul, foi um dos últimos tipos de património a ser reconhecido como tal, comparado, por exemplo, ao natural ou religioso. Esta situação deve-se ao atraso do processo de industrialização, mas também devido à imagem que os antigos edifícios industriais transmitiam à população. Uma imagem diversas vezes associada a um local de conflitos, políticos e sociais, e mais tarde, na segunda metade do século XX, aquando a desindustrialização, ficou também associada à degradação das zonas onde se inseriam, deixando as fábricas em ruínas e abandonadas após o respetivo encerramento.

Um pouco por toda a Europa foram feitas diversas abordagens sobre o património industrial destacando-se autores como Robert M. Vogel nos Estados Unidos da América; Massimo Negri (1978) na Itália, Sir Neil Cossons (1975, 2000, 2008) e R.A. Buchanan (1972) no Reino Unido e Maurice Daumas (1969) na França. (Sampaio, 2015)

Em Portugal, à semelhança do aconteceu com os restantes países da Europa do Sul, a preocupação com o legado industrial surge mais tarde, apenas em 1980.

Durante largos anos, para se obter a definição atual de património foram necessários alargados debates e várias cartas de forma alcançar um consenso.

Durante o período inicial o património industrial foi diversas vezes associado à arqueologia industrial e também aos valores do "património histórico". (Sampaio, 2015)

Em Julho de 2003 é redigida a "Carta de Nizhny Tagil, pelo TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) que define património industrial como:

"O Património Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim

como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação”.<sup>4</sup> Esta definição foi posteriormente ratificada e proposta para aprovação definitiva, em 2011 na XVII Assembleia Geral da ICOMOS, e renomeada assim como “Princípios de Dublin”.

Parece ser esta a definição que abrange também princípios anteriores das Cartas de Veneza (1964) e a Carta de Burra (1994) entre outros documentos importantes.

O Património Industrial ficou finalmente definido, segundo a ICOMOS e TICCIH (2011) como:

“O património industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objetos ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou atuais processos de produção industrial, a extração e a transformação de matérias-primas, e as infraestruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto os processos industriais - quer sejam antigos ou modernos - dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir os produtos a amplos mercados. Este património compreende ativos fixos e variáveis, para além de dimensões imateriais, tais como os saber-fazer técnicos, a organização do trabalho e dos trabalhadores, ou um complexo legado de práticas sociais e culturais resultantes da influência da indústria na vida das comunidades, as quais provocaram decisivas mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral.”<sup>5</sup>

Utilizando este conceito e fazendo uma analogia com a Tinturaria Portugália, será importante a realização de levantamentos de campo, analisando também toda a área envolvente à fábrica, tal como o ponto relativo à “Protecção Legal” da carta indica: “O património industrial deve ser considerado parte integrante do património cultural em geral. Contudo, a sua protecção legal deve ter em consideração a sua

---

<sup>4</sup> in *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial* (2003) Ob. Cit.

<sup>5</sup> Princípio de Dublin (2011)

natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico.”<sup>6</sup>

Concluindo, esta carta é a que melhor define o património industrial, assim como a preservação de todo contexto industrial circundante ao património em estudo.

Aplicando ao edifício em estudo, a Tinturaria Portugália é com certeza um dos edifícios notáveis do Vale de Chelas que merece uma investigação e análise dos métodos de classificação acima descritos.

Tal como este documento sugere, a preservação, reutilização e integração de edifícios deste tipo é uma mais-valia para as comunidades próximas, uma vez que em grande parte destes territórios está atualmente degradado e em ruína.

“Assim, os produtos técnicos da indústria adquiriram os mesmos privilégios e os mesmo direitos de conservação que as obras-primas da arquitectura e as realizações pacientes dos artesãos.”<sup>7</sup>

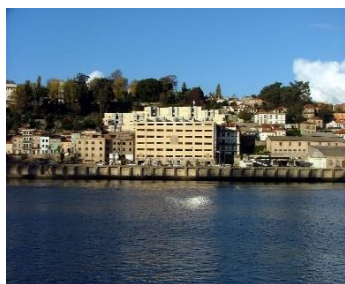
### 1.2.2 Novos Usos para o Património

Seguindo a lógica do subcapítulo anterior, a herança de património industrial existente e que resistiu desde o século passado deve ser hoje visto como uma oportunidade de *modernização* (Choay, 2010). O processo de modernização deve procurar através dos valores já presentes no edifício, recupera-lo, não de uma forma estética mas sim de maneira a integrar o edifício na vida contemporânea, reutilizando-o com novas funções. Esta é “a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil

---

<sup>6</sup> Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial (2003)

<sup>7</sup> Andreas Huyssen (2003) *Present Pasts. Urban Palimpsests and the Politics of Memory*. São Francisco: Stanford University Press, p.184.



3. Reutilização de um armazém frigorífico de bacalhau para habitação colectiva – Carlos Prata com Rodrigo Coelho, 2008, Fotografia de Luís Ferreira Alves



4. Real Vinícola – Casa da Arquitectura – Guilherme Machado Vaz, 2017, Fotografia de Luís Ferreira Alves

de valorização patrimonial.”<sup>8</sup> No entanto as funções e/ou usos atribuídos à reconversão destes edifícios devem não só valorizar o próprio edifício mas também permitir o acesso da população ao mesmo. É essencial não transformar todo o património em museu ou em edifícios apenas de contemplação, mas sim abri-los ao público, à vida das pessoas, servindo o propósito para o qual foi projetado.

Assim sendo, a conversão de edifícios de carácter industrial torna-se facilmente adaptável devido às suas características construtivas sólidas de grandes dimensões e funcionais capazes de albergar desde programas habitacionais (Douro's Place Reutilização de um armazém frigorífico de bacalhau para habitação coletiva projetado por Carlos Prata com Rodrigo Coelho em 2008) a espaços culturais (Casa da Arquitectura, Antiga Real Companhia Vinícola, projeto de Guilherme Machado Vaz) aos mais diversos tipos de equipamentos.

No entanto pelas mesmas características que edifícios deste tipo devem ser reaproveitados, são também entraves devido ao grande investimento que é necessário mas também devido à pretensão de adaptar o edifício de tal forma a um uso contemporâneo que se acaba por perder a identidade do património em questão.

### 1.2.3 O Caso da Tinturaria e a sua Envolvente

No contexto da escala urbana, ao nível do Vale de Chelas, o reaproveitamento da fábrica Tinturaria Portugália assim como da fábrica Samaritana, será de maior interesse de forma a manter vivo o carácter industrial do Vale de Chelas, respeitando a Carta de Nizhny Tagil de Julho de 2013.

O ARU do Vale de Chelas abrange a totalidade do “cemitério de fábricas” classificado como zona a reabilitar, contudo uma das propostas existentes para esta ARU (NPK - Arquitectos Paisagistas Associados) propõe a demolição de vários edifícios marcantes da época industrial da cidade de Lisboa, tais como a Fábrica de Inácio Magalhães Bastos & Cia, a Tinturaria Portugália e ainda alguns edifícios

---

<sup>8</sup> Françoise Choay (2010) *Alegoria do Património*. 2a edição. Lisboa: Edição 70, p.191.

de habitação operária, propondo a reabilitação e reutilizando de apenas um edifício referente à época industrial do vale, incorrendo assim no risco de descontextualizar o elemento sobrance, a fábrica Samaritana.

*"A arquitectura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade, o que é parte do nosso ser."*<sup>9</sup>

Segundo Françoise Choay (2010) em *"A Alegoria do Património"* é necessário reabilitar elementos significativos e fulcrais na memória destes antigos lugares de cariz industrial, atribuindo-lhes novas funções de forma a integra-los na contemporaneidade, mantendo assim a génese deste território. Não esquecendo que o "conjunto urbano" em volta do edifício, como refere Ruskin (1849) em *The Seven Lamps of Architecture*, também deve ser preservado criando assim um laço entre o passado e a contemporaneidade.

### 1.3 Revitalização Urbana

Por revitalização urbana (RU) entende-se "conjunto de operações destinadas a articular as intervenções pontuais de recuperação dos edifícios existentes em áreas degradadas, com as intervenções mais gerais de apoio à reabilitação das estruturas sociais, económicas e culturais locais, visando a consequente melhoria da qualidade de vida nessas áreas ou conjuntos urbanos degradados." (DGOTDU, 1998).

É importante salientar que o conceito de regeneração não é aqui utilizado, visto que remete para uma escala mais alargada e associada ao urbanismo apesar de em 2015 a DGOTDU ter proposto para ambas uma definição idêntica. "Por regeneração ou revitalização urbana entende-se uma operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, orientada por objectivos estratégicos de desenvolvimento urbano, em que as ações de natureza material são

---

<sup>9</sup> John Ruskin (2003) *The Stones of Venice*: New York: De Capo Press.

concebidas de forma integrada e ativamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social e económica". Concluindo o que importa reter é que apesar das abordagens serem distintas o propósito é o mesmo e ambas apontam no sentido da consolidação e na procura de um equilíbrio na área onde intervêm, independentemente da escala a que falamos.

Na abordagem deste tema o autor Kevin Lynch (2017) em *A imagem da Cidade*, aprofunda conceitos que se relacionam direta e indiretamente com o processo a desenvolver.

O processo de RU acabará por ser o mais importante de todo o projeto pois engloba um conjunto de elementos que vão para além do projeto de arquitectura, nomeadamente questões sociais, económicas, ambientais, físicas e de imagem, determinantes para o sucesso da RU, que iremos abordar mais à frente.

Este tipo de processos tem tido grande impacto, nos últimos anos, na cidade de Lisboa e tem vindo a reformular e regenerar grandes áreas integrantes nos PDM E ARU.

Os riscos de uma revitalização são também maiores uma vez que existem dificuldades contraditórias entre a conservação e a utilização do património edificado, nomeadamente riscos de ordem física, diretamente relacionados com a arquitectura, e riscos de ordem social, ligados à população que habita os espaços e o conjunto a ser reabilitado. (DGOTDU,1998).

Em relação aos riscos de ordem física destacam-se:

"O uso intensivo dos espaços, provocando a sua deterioração" e também as "transformações necessárias à alteração do uso dos espaços e dos edifícios (particularmente a dos seus espaços interiores), podendo resultar na descaracterização dos mesmos, por razões de ordem funcional ou económica."

Por outro lado nos riscos de ordem social destacam-se: "O custo das operações de reabilitação poderá implicar o êxodo dos antigos moradores, geralmente não solventes, e a sua substituição por camadas sociais mais favorecidas" e "a possibilidade de criação de ambientes artificializados resultantes da predominância de opções de carácter turístico sobre as de carácter cultural." (DGOTDU, 2000.)

Para que os riscos sejam amenizados é indispensável explorar cada um dos elementos que compõem a área a revitalizar e a forma operacional de como vão ser aplicados.

### 1.3.1 Aspetos Sociais

No processo de RU, as questões sociais podem vir a desempenhar um papel fundamental na mudança do paradigma nas zonas a intervir. Neste caso a área de intervenção está situada no Vale de Chelas mas tem como propósito a revitalização de uma área mais reduzida entre a Rua Gualdim Pais e a Estrada de Chelas, porém a história que aqui se conta acontece em muitas outras zonas de Lisboa.

A necessidade de integrar socialmente as populações que involuntariamente foram colocadas em bolsas de marginalidade faz parte da componente social da RU. A população inserida nestes contextos não conseguiu acompanhar a evolução da sociedade, por diversas razões, entre elas: Os níveis de escolaridade insuficientes para integrarem o mercado de trabalho; por estarem numa faixa etária já avançada e não conseguirem suportar os custos de uma vida digna ou ainda pelo acumular destas situações e pela continuidade de várias gerações que se fixam nestes lugares em contextos socio-económicos complicados.

A solução para este tipo de situações, a nível social, passa primeiramente pelo desenvolvimento de atividades de apoio social, por exemplo, integração da população em cursos de formação profissionais ou pela criação centros infantis que permitam às mulheres terem o seu próprio emprego e contribuírem para um saudável orçamento familiar. Os mais idosos em muitos casos por não terem boas condições na sua habitação procuram passar o dia na rua, convivendo com a vizinhança, porém quando estamos numa zona empobrecida, degradada ou marginalizada o sentimento de insegurança é grande e agrava o contexto, tornando as ruas mais vazias e consequentemente mais inseguras.

Por norma a solução descrita anteriormente não é apetecível para a política local, uma vez que requer grande investimento público, nem para os investidores privados, que preferem investir em programas do

tipo habitacional, imobiliário empresarial ou grandes áreas comerciais.<sup>10</sup>

Por norma as iniciativas públicas mas principalmente as privadas referidas anteriormente resultam em processos de gentrificação, termo originário de *gentrification*, estudado pela primeira vez pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964, que pode entender-se da seguinte forma: "Um a um, muitos dos quarteirões da classe trabalhadora de Londres têm vindo a ser invadidos pela alta e baixa classe média. Modestos estúbulos e casas de campo de dois andares têm sido alteradas quando o seu contrato de arrendamento inicial termina, tornam-se residências caras e elegantes... Quando este processo de "gentrificação" começa num bairro avança rapidamente até todos ou muitos dos ocupantes originais da classe trabalhadora serem deslocados e todo o carácter social do bairro é modificado".<sup>11</sup>

O processo de gentrificação, voluntariamente ou não, acaba por estar relacionado aos processos de renovação e reabilitação urbana que têm como principal propósito a transformação urbana tendo em vista a melhoria do local onde intervêm. Contudo esse processo aparentemente positivo está associado a transformações negativas que apenas procuram substituir a população, por norma de bairros históricos e de habitações características da cidade por novos moradores que pertencem à classe média alta e alta.

Apesar de tudo a questão não é resolvida a fundo e a população carenciada apenas se move para outro local, cada vez mais afastado do centro da cidade, agravando a sua situação social já precária.

É essencial perceber que o processo de gentrificação pode ser realmente positivo se tiver como propósito a melhoria das condições da população residente através da sua formação a nível social, como foi sugerido anteriormente, mas também através da criação de

---

<sup>10</sup> Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral (2007) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. 4.a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p.96

<sup>11</sup> Ruth Glass (1964) *London : Aspects of Change*



“equipamento públicos de excelência”<sup>12</sup> que fixem, em vez de substituir, a população segregada. A iniciativa privada e a chegada de novos moradores de classes diferentes também é importante para o processo criando assim uma sustentabilidade, neste caso a nível social.

### 1.3.2 Aspetos Económicos

O fator económico em relação ao tema da RU e a este local é vital para que não se corram os riscos e erros do passado.

Como em grande parte das grandes cidades a localização dos grandes equipamentos e funções polarizadoras de cidade estão próximas do centro, são exemplo: os hospitais, universidades, complexos desportivos, grandes superfícies comerciais, entre outros. No entanto a constante evolução e expansão da cidade, principalmente através de edifícios de cariz habitacional, requer que se continuem a criar condições para uma malha urbana consolidada e continua desde o seu centro até à periferia, porém isso na maior parte dos casos não acontece, alimentando desta forma o fosso entre a qualidade de vida que se pode ter no centro e na sua periferia.

Tal como é sugerido num processo de revitalização<sup>13</sup>, do ponto de vista económico, é necessário colmatar o défice de programas polarizadores de cidade para que seja criadas condições para economia sustentável desde o centro até às periferias e que se proporcione a todos os habitantes emprego e a sua inclusão a nível económico, na zona onde residem.

Aliados aos temas e às soluções idealizadas no âmbito socioeconómico estão também as condições ambientais que o Vale de Chelas pode proporcionar.

---

<sup>12</sup> Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral (2007) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. 4.a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

<sup>13</sup> Idem p.137

### 1.3.3 Condições Ambientais

Por questões ambientais aqui entende-se todo ambiente vivido no lugar e não apenas as questões diretamente relacionadas com a natureza ou o meio ambiente. A questão ambiental está neste sentido diretamente ligada ao que chamamos de qualidade de vida e à percepção que a população tem da zona onde reside. A qualidade de vida urbana pode traduzir-se pelo “resultado da interação de múltiplos fatores no funcionamento das sociedades humanas, e traduz-se na situação de bem-estar físico, mental e social, e na satisfação e afirmação culturais, bem como em relações autênticas entre o indivíduo e a comunidade, dependendo da influência de fatores inter-relacionados, compreendendo, designadamente:

1. A capacidade de carga do território e dos recursos.
2. A alimentação, a habitação, a saúde, a educação, os transportes e a ocupação dos tempos livres.
3. Um sistema social que assegure a posteridade de toda a população e os consequentes benefícios da Segurança Social.
4. A integração da expansão urbano-industrial na paisagem, funcionando como valorização da mesma, e não como agente de degradação.”<sup>14</sup>

Posto isto, a constante evolução da cidade nos últimos anos, quer na requalificação da frente ribeirinha, quer nas requalificações levadas a cabo um pouco por toda a cidade, levaram a que essa percepção e exigência da população que reside fora do centro para com a sua área de residência aumentasse, possibilitando um nível de qualidade de vida idêntica à qual outros têm.

Servindo-nos de exemplo a zona a intervir, adjacente á Rua Gualdim Pais, que está diretamente associada a temas como degradação, decadência, insegurança.

A percepção que a população residente tem é que as suas condições ambientais e de qualidade de vida urbana são bastante precárias e se não existir qualquer tipo de incentivo para que essa situação se altere,

---

<sup>14</sup> Vocabulário urbanístico do DGOTDU (1998) e Lei nº11/87 de 7 de Abril art.º 5 “ *Lei de Bases do Ambiente*”.

o ambiente de insegurança e de desprezo pela envolvente tende a agravar-se.

Pelo contrário, se os planos de uma regeneração urbana forem concretizados, assim como os diversos tipos de equipamentos necessários para criar uma maior coesão territorial, com certeza que as condições ambientais irão melhorar e a valorização de toda a população para com esta área irá melhorar.

### 1.3.4 Aspetos Físicos e de Imagem

Segundo Kevin Lynch (2017), em "A imagem da Cidade", a valorização e reconhecimento da população, tal como foi referido anteriormente, para com a cidade, parte da perceção que cada individuo tem em relação lugar que o rodeia.

Aplicando este conceito ao lugar em estudo, uma vez que se trata de um lugar que já foi alvo de várias transformações, podemos dizer que o processo de revitalização urbana procura recuperar os valores e uso dos espaços, que foram ao longo do tempo perdidos ou alterados.

Por norma, a reutilização de antigos edifícios tem um grande impacto nos aspetos físicos da cidade, assim como a requalificação dos espaços públicos envolventes a esses edifícios.

Para que se habite numa cidade genericamente aceite por todos existem cinco fatores ou condições que devem ser tidos em conta:

A distinção do território, ou seja, as formas que facilmente dão a conhecer um lugar, neste caso as chaminés industriais podem vir a ter um papel positivo se em vez de estar associadas a fábricas em ruína, passarem a estar associadas a um ponto de encontro e interação da população ou a um lugar de lazer que a população aprecia.

Uma segunda condição é a agradabilidade, que está associada a quatro aspetos:

Os aspetos naturais, tais como a presença de zonas verdes e cursos de água. Esta condição é perfeitamente viável uma vez que o Vale de Chelas tem uma apetência para a flora acima do normal, em relação à restante da cidade.

Ao civismo, que se representa pelas condições de limpeza das ruas e preservação dos edifícios.

O civismo neste momento não é algo que se faça sentir ao deambularmos pelas ruas do Vale, contudo o processo de revitalização, prevê que as alterações feitas invertam este aspeto, principalmente na segurança e limpeza das ruas.

Ao significado histórico dos vários edifícios existentes. Tendo em conta o propósito desta revitalização, toda a envolvente enquadra-se num contexto de património industrial e com elevada acuidade histórica.

Por fim o quarto aspeto, a abertura, que se refere ao panorama geral do lugar e às vistas. Estando a trabalhar num vale as vistas têm um potencial enorme, ainda mais quando a sul se situa o rio tejo.

Concluindo, os aspetos físicos e de imagem devem ser resultado daquilo que os habitantes esperam, independentemente do estrato social para o qual o processo revitalização social está a ser feito. Com base em experiências anteriores todos temos acesso às melhores áreas da cidade e em consequência disso, exige-se que no processo de revitalização se faça o melhor possível tendo como base toda a população e não só os mais, nem os menos habilitados.

## CAPÍTULO 2 - ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Neste capítulo o passado alcança o presente e a definição de palimpsesto torna-se evidente na história do que foi e é o Vale de Chelas.

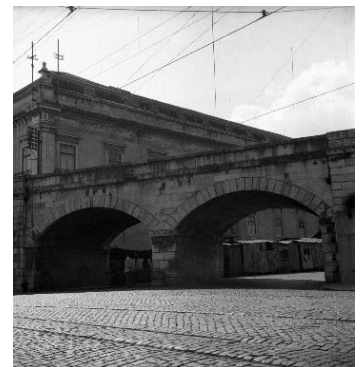
As escalas de trabalho, urbana e arquitetónica, são analisadas distintamente, no entanto, no terreno ambas dialogam e se complementam. Analisar-se-á portanto o Vale de Chelas através da escala urbana, enquanto a Rua Gualdim Pais e a Fábrica Tinturaria Portugália através da escala arquitetónica.

*“A cidade consolidada é um palimpsesto de memórias sobrepostas e estratificadas que condicionam ou limitam as possibilidades de transformação das suas áreas obsoletas ou vazias.”<sup>15</sup>*

### 2.1 Escala Urbana – Vale de Chelas

Através do passado e da história do Vale de Chelas é possível entender não só a sua própria evolução como também um pouco do que aconteceu na zona oriental da cidade de Lisboa.

Segundo José Sarmiento Matos (1999) em “*Caminho do Oriente – Guia do Património Histórico*” a Zona Oriental foi considerada o motor industrial da cidade de Lisboa desde finais do século XIX, até à segunda metade do século XX, graças à sua grande transformação a nível urbano, económico e social. A chegada dos caminhos-de-ferro (1856) e posteriormente um reordenamento das instalações portuárias permitiram uma rápida evolução nesta zona da cidade.



5. Arcos dos viadutos da CP

---

<sup>15</sup> Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral (2007) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. 4.a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p.96



6. Cais de Xabregas (1970)



7. Vale de Chelas (1990)



8. Vista aérea do B.ª da Madre de Deus a Alvalade, Lisboa, 1955. Mário de Oliveira. Arquivo Fotográfico da C.M.L

A construção de edifícios de habitação de génese operária, tais como pátios e vilas que ainda hoje perduram, foram naturalmente necessários para alojar tamanha quantidade de mão-de-obra.

Nos anos 60 do século XX as indústrias lisboetas entraram em declínio, assim como um pouco por todo o país, resultando num processo de desindustrialização que levou a alterações profundas na vida económica e social de quem vivia nestas áreas. Tais alterações, após a revolução de 1974, levaram a que grande parte das indústrias fechassem portas e que os seus edifícios ficassem ao abandono já no final dos anos 80 do século XX. (Folgado, 1999).

Consequentemente muitos destes edifícios foram parcialmente destruídos ou deixados num estado de ruína dando lugar a um "cemitério de fábricas".

Desde a década de 1990s entre Cascais e Lisboa foram executados vários projetos de requalificação tais como a Praça do Comércio, CCB, Ribeira das Naus, novo Museu dos Coches, entre outras obras.

Sendo no final do século XX, o principal ponto de viragem, mais precisamente na Expo98, que veio pela primeira vez mudar o paradigma da cidade, invertendo a localização da reabilitação da frente ribeirinha da zona ocidental para a zona oriental.

O Vale de chelas, quer antes, quer durante o processo de industrialização, foi marcado por várias alterações que se foram "escrevendo e apagando" tal como num palimpsesto o que resultou num território desordenado e com bastantes cicatrizes do seu passado. Apesar disso, o Vale, foi e ainda hoje é, um lugar com inúmeras potencialidades para se explorar novas soluções e que delas resulte uma nova mudança que volte a colocar a zona oriental num ponto de interesse da cidade de Lisboa.

Entre as potencialidades do passado e do presente o vale destaca-se nomeadamente pelos seguintes motivos:

Pela sua proximidade com o rio, fator diretamente ligado ao desenvolvimento das cidades e no caso do Vale de Chelas, ligado à fixação de indústrias, palácios e conventos.

Pela proximidade ao porto e linhas férreas que tornam hoje o vale menos legível devido à construção de viadutos e infraestruturas de grandes dimensões;

Pela apetência para a agricultura - é possível constatar isso já nas plantas de Silva Pinto através da quantidade de casas e terrenos destinados ao cultivo e também nas descrições pormenorizadas feitas por Mário Furtado.

Pela sua morfologia, que ao longo das décadas foi causadora de várias inundações a jusante do vale (imagem 9) sendo este um fator importante tendo em consideração que a drenagem de águas pluviais ainda hoje é um problema por resolver.

Pela desfragmentação causada pelo abandono geral do vale, tendo sido iniciado pelo abandono dos edifícios industriais, prosseguido do fecho de grande parte do comércio e equipamentos e consequentemente agravar das condições sociais da população residente;

Todos estes pontos que aparentam ser maioritariamente negativos surgem agora como novas oportunidades e potencialidades para o presente e futuro do Vale de Chelas assim como da zona oriental da cidade.

No presente, na zona do Beato, já está em curso um grande projeto de requalificação e reabilitação da antiga Fábrica da Manutenção Militar que, no futuro, assim que esteja concluída, será considerada maior hub empreendedor de Portugal e um dos maiores da Europa.

Para além desse grande motor empresarial há dezenas de pequenos espaços relacionados com as artes, cultura e inovação que começam agora a disputar.

O denominado Vale de Chelas, é hoje visto de uma forma completamente diferente, não só no aspeto económico e empresarial, como foi falado anteriormente, mas também na relação com o meio ambiente e a fauna e flora.

O Vale destaca-se como um troço final de uma das três principais Sub-Bacias hidrográficas mais importantes da cidade de Lisboa, paralelamente com a Sub-Bacia hidrográfica de Alcântara e da Avenida da Liberdade. Segundo a ARU do Vale de Chelas definido pela CML, esta área abrange cerca de 30 hectares das freguesias do Beato e da Penha de França.



9. Cheias no Mercado de Xabregas (1946)



10. Vale de Chelas (2015)

A área abrangida pelo talvegue<sup>16</sup> apresenta atualmente inúmeros problemas no processo de consolidação que se pretende atingir a médio e longo prazo, visto que, neste território de carácter desfragmentado coexistem desde tipologias de habitação operária em situação precária, reminiscências rurais, antigos palácios, o “cemitério de fábricas” com acuidade para a arqueologia industrial, atividades logísticas precárias e desordenadas e por fim, ainda impactos negativos que o próprio território do vale tem sofrido nas transformações que foram feitas pelo homem ao longo da história. É de facto importante analisar, caracterizar e potencializar o carácter ecológico, paisagístico e arquitetónico desta zona da cidade através de reabilitação dos elementos industriais significativos para a cidade, mantendo memória do lugar.

“O poeta António da Fonseca Soares, conhecido nas trincheiras por Capitão Bonina e que passaria à posteridade com o nome de Frei António das Chagas, escreveria sobre Chelas:

«Pelo vale mais acima  
Sobre o alto contra a serra  
Num mui fresco lugar  
O mosteiro está de Chelas.  
Logo mil lugares frescos,  
Olivais, quintas e terras,  
Pomares mui deleitosos,  
Casas, jardins e hortas frescas.»<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Do alemão Talweg, «caminho do vale», fundo do leito de um rio.

<sup>17</sup> Mário Furtado (1997) *Do Antigo Sítio de Xabregas*. Lisboa: Vega.



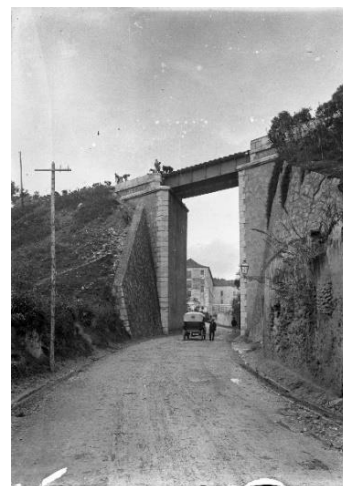
## 2.2 Escala Arquitectónica - Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais



Na escala da Arquitectura, a rua e os edifícios que a compõem, são os primeiros indicadores da linguagem arquitectónica que perdura desde o passado até aos dias de hoje. As reminiscências urbanas, o cemitério de fábricas mas também algumas demolições são a matéria com a qual é possível caracterizar a zona envolvente à Tinturaria Portugália, sendo a Rua Gualdim Pais e a Estrada de Chelas as principais vias que abraçam o terreno sobre o qual o projeto se insere e mais informação nos trazem quanto ao seu passado.

A estrada de Chelas, reconhecida atualmente pelos singulares traços de azinhaga, fez parte dos principais caminhos da Lisboa rurais dos séculos XVIII e XIX. Caracterizada pelo pavimento em basalto polido e pelos altos muros que a ladeiam, fez no passado a ligação do topo do Vale de Chelas, tendo início no Convento de Chelas e fim perto da Estrada de Circunvalação (hoje Avenida Afonso III), relativamente perto do Museu Nacional do Azulejo (Furtado, 1997).

Segundo Furtado, até 19 de Junho de 1933, aquando a inauguração da Rua Gualdim Pais, a Estrada de Chelas foi uma das principais vias que



11. Viaduto de Chelas (1910).

Joshua Benoliel. AML



13. Rua Gualdim Pais (1969)



12. Estrada de Chelas, Lisboa, 1983.



14. Estrada de Chelas, 2015

marcaram o Vale de Chelas sendo esta principal eixo de ligação e fixação de elementos humanos dos quais se salientam, ao longo dos anos, tais como quintas, e palácios até fins do século XVII e posteriormente, já no século XIX serve de ligação entre as fábricas e o rio.

Após os anos mais prósperos da antiga e movimentada Estrada de Chelas a renomeada Rua Gualdim Pais vem tirar toda a importância e carácter de via fundamental à Estrada de Chelas. (Furtado, 1997)

Perante a descrição feita pelo blogue Toponímia de Lisboa podemos dizer que ambas as ruas estão perpetuadas na memória da industrialização da zona do beato e xabregas desde meados do século XIX até quase ao final do século XX através de expoentes simbólicos dessa memória da zona oriental de Lisboa.

Toda a zona de Xabregas estava repleta de estamparias, tinturarias e outras atividades ligadas aos fabrico e tingimento de tecidos que se fixaram nesta zona da cidade logo desde o século XVIII.

No início do século XX, grande parte das indústrias desapareceu, permanecendo apenas duas estamparias nesta zona, que eram a de Ignácio de Magalhães Bastos & C<sup>a</sup> e a de José Pedro de Mattos, ambas na então Estrada de Chelas, “sendo que a primeira trabalhava materiais como o algodão e a lã, com um tipo de maquinaria moderna para a época e cerca de 80 operários, enquanto a segunda, com 150 trabalhadores, produzia peças como camisas ou lençóis para todo o país.”<sup>18</sup>

Na Estrada de Chelas funcionavam ainda a Fábrica de Grude, também de Ignácio de Magalhães Basto & C<sup>a</sup> bem como a Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã, de José Lourenço de Medely & Filhos (pelo menos até 1907).

Acreditamos que a informação sobre a fábrica de Fiação e Tecidos de lã de José Lourenço de Medely & Filhos corresponde à uma das fábricas que laborou no complexo da Tinturaria Portugália. Chegamos a esta conclusão através dos diversos documentos consultados através

---

<sup>18</sup> <https://toponimialisboa.wordpress.com/> [13 de Janeiro de 2019].

da internet mas também do que Mário Furtado e Deolinda Folgado e Jorge Custódio referem nos seus livros "*Do Antigo Sítio de Xabregas*" e "*Caminho do Oriente – Guia do património Industrial*", respetivamente.

Através de todos os relatos falados anteriormente é perceptível as transformações que tanto a Rua Gualdim Pais como a Estrada de Chelas tiveram no seu passado.

No presente a análise a que nos propomos fazer tem como objetivo analisar as condições socioeconómicas da população residente nas Ruas Gualdim Pais e Estrada de Chelas.

Com base nos dados estatísticos do INE, Censos de 2011 e CML foram abordados os indicadores sociais e económicos de maior relevância sobre o território, a população, as famílias, a educação, o mercado de trabalho, a população sem-abrigo, as prestações sociais e a habitação da Freguesia do Beato.

Foi então possível constatar, em comparação com a cidade de Lisboa, que a população aqui residente é relativamente mais envelhecida e que os idosos têm dificuldades de locomoção nas suas próprias habitações. A população mais jovem também existe em menor número do que a média da restante cidade.

Quanto às habitações com necessidade reparação ou muito degradadas, são um dos pontos mais preocupantes em relação aos restantes já levantados uma vez que muitas das habitações operárias ainda habitadas já não têm condições mínimas de habitação.

Em relação às conversas informais a população apontou como as maiores fatores negativos a falta de acessos, alguns já existentes mas encerrados, e a falta de segurança.

Esta análise teve como propósito, tal como foi dito anteriormente, tirar conclusões sobre as condições socioeconómicas mas também contribuir para a elaboração de um programa de arquitectura condizente com a situação atual deste território.

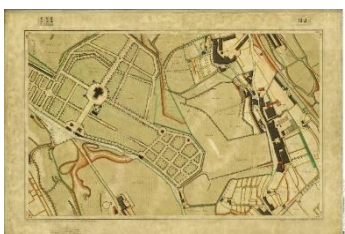


15. Rua Gualdim Pais - (1989) -  
Foto de APS

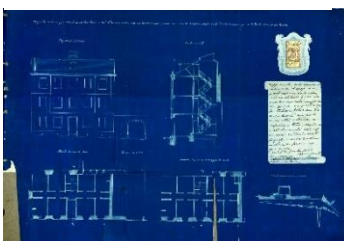
## 2.3 Escala Arquitetónica – Fábrica Tinturaria Portugália



16. Planta topográfica Filipe Folque (1856 - 1858)



17. Planta topográfica Silva Pinto (1905-1906)



18. Primeiro Registo da Fábrica Tinturaria Portugália (1888)

A Tinturaria Portugália, situada em Lisboa, é uma das diversas fábricas que se implantaram no Vale de Chelas no Séc. XIX. É reconhecida hoje por esse nome graças ao padrão de azulejo que está muro que se mantém erguido no limite este do lote, junto à Rua Gualdim Pais.

A história desta fábrica pode ser metaforicamente narrada como um palimpsesto dado que ao longo dos anos foi alvo de várias adições e subtrações, o uso para o qual era destinada também se foi alterando assim como o seu proprietário, deixando ano após ano uma marca da época industrial da cidade de Lisboa, quer pelo seu edifícios que ainda hoje sofredamente existe, quer pela marca que deixou em toda a população residente em torno deste conjunto industrial.

A história do conjunto é descrita cronologicamente, tendo por base documentação encontrada em arquivo mas também através livros, *websites* e relatos de pessoas.

A história desta fábrica tem início no século XIX, sem um ano preciso da sua construção e inauguração, contudo aparece representada pela primeira vez na planta de Filipe Folque (1856 – 1858) o que sugere que o complexo já existiria há alguns anos.

O primeiro registo, encontrado em arquivo, data o ano de 1888 e diz respeito ao “*projecto da caza que dexeja mandar fazer o Sr. Francisco Garcia no terreno que possue na rua de Chellas*”,<sup>19</sup> tal como está escrito no documento, com três pisos de altura mais sótão.

Em 1920 a Firma José Pereira de Matos inicia um projeto de alterações relativas à sua fábrica de lanifícios, situada a sul do complexo, onde requereu que se construísse uma cobertura na nave central, das 2 existentes, já cobertas. Neste projeto também foram construídos alguns acessos e foram realizadas reparações nas fachadas interiores. Posteriormente, em 1923, a fachada principal foi substituída por uma nova, pela firma Barros & Santos, com dimensões de 73,40 metros que ainda hoje subsiste, apesar do seu atual mau estado de conservação.

<sup>19</sup> AML: Arquivo Municipal de Lisboa



Ainda em 1920 a mesma firma requereu novas instalações para as caldeiras da fábrica de lanifícios.

Este edifício foi construído de forma independente do restante complexo industrial, estabelecendo apenas ligação por uma passagem pedonal pela cobertura, atualmente inexistente. É facilmente distinguido pela sua implantação, perpendicular ao edifício principal e pela sua chaminé de reduzidas dimensões que ruiu devido à falta de manutenção, após o encerramento da fábrica.

As instalações situada a norte do complexo industrial não foram de alguma forma registado ou documentado especificamente em arquivo, no entanto já figuram na planta de construção das caldeiras referidas anteriormente.

A Tinturaria Portugália é constituída sociedade nesse mesmo ano e acaba por ser vendida ao industrial Luís Ribeiro. Nota: Possivelmente existiu um anterior proprietário com o apelido Medely ou Madely, proveniente do Brasil.

Alguns anos mais tarde, precisamente no dia 12 de Dezembro de 1937 é inaugurada a fábrica "Amidex" nas mesmas instalações da antiga fábrica de produção de fição e tecidos de lã. A fábrica "Amidex" mereceu um destaque no Jornal o Século onde algumas fotografias mostram a sessão de inauguração que contou com personalidades como o Chefe de Estado, António de Oliveira Salazar, o Ministro do Comércio, general Amílcar Mota e outras individualidades. O período em que esta firma laborou teve mais visibilidade do que em qualquer outro período uma vez que é nesta época que surgem fotografias, apesar de poucas, do interior da fábrica assim como um alguns destaques publicitários.

Em 1938 surge pela primeira vez a empresa Telhado Alves. É constituída por dois edifícios de Tinturaria e Lavandaria situados entre a estrada Gualdim Pais e a Fábrica Amidex.

No ano de 1947 é proposta a alteração e respetiva adição de um piso às instalações das caldeiras da fábrica, que acabou por não se concretizar, voltando o seu uso a pertencer à empresa de produção de tecidos, empresa Telhado Alves Lda.



19. Sessão de Inauguração da Fábrica Amidex



20. Instalações da Fábrica Amidex na sua inauguração



21. Publicidade de uma distribuidora da fábrica



22. Farinha Saluzena, produzida na fábrica Amidex (1945)



23. Promoção Farinha Saluzena



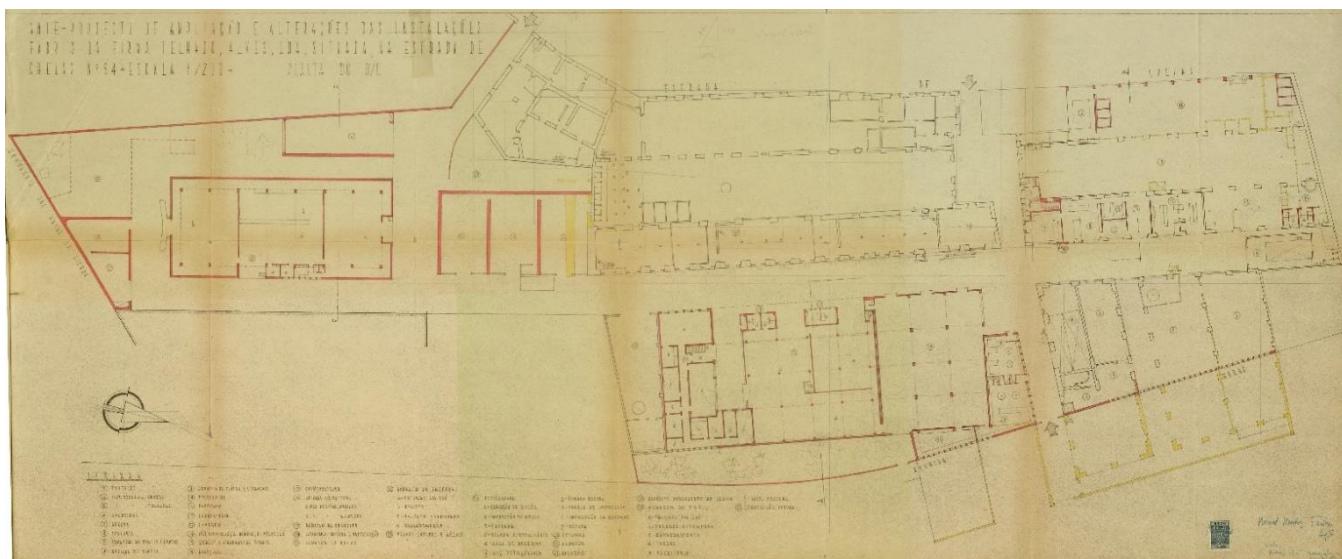
24. Tinturaria Portugália alguns anos após o seu encerramento (1998) Foto de António Sachetti

Em 1949 é feito um levantamento do complexo já existente e requerido um projeto – da autoria do Arquitecto Manuel Mendes Tainha – de pequenas alterações no edifício mais e norte e ampliação a sul que iria aumentar significativamente a área laboral e ocupar praticamente a totalidade do lote, no entanto, este projeto levado a cabo pela empresa Telhado Alves acabou por ficar pela primeira de duas fases de construção.

É neste período que a indústria em Portugal começa a entrar em queda, tendo sido no ano de 1950 que se dá a ultima construção na empresa Telhado Alves.

Em 1976 logo após o 25 de Abril a empresa ficou sem gestão efetiva, a sua situação económica e financeira não permitia qualquer recuperação. Em 23 de Setembro de 1976, o Conselho de Ministros do governo liderado por Mário Soares decretou a sua falência.

Desde o encerramento da fábrica em 1976 a fábrica entrou num processo de degradação levando a que por volta dos anos 90 do séc. XX, as coberturas caíssem e que o restante edifício daí em diante agravasse o seu estado de conservação.



25. Levantamento e proposta de ampliação do complexo industrial pelo Arquitecto Manuel Mendes Tainha, 1949

### 2.3.1 Organização Espacial

Entre o passado, altura em que a Tinturaria Portugália laborava e o presente em que restam memórias do grande período industrial em

Portugal mas também muitos edifícios resistiram a décadas de abandono devido às singulares características da arquitectura industrial, tais como a robustez e polivalência.

A Tinturaria Portugália é um desses casos e apresenta ainda hoje algumas particularidades em relação a outros edifícios da mesma época, tornando-se por essa razão motivo de um estudo mais aprofundado sobre a sua organização quer no interior quer no exterior. Iremos destacar no interior a polivalência e a função de cada espaço enquanto no exterior, de forma mais evidente, ressalta uma bela fachada constituída por 28 arcos e as chaminés que pontuam o Vale de Chelas remetendo para a época industrial.

É então relevante analisar essas características e trabalha-las na fase de projeto de maneira a potenciar os pontos positivos e renovar os menos positivos.

#### 2.3.1.1 Organização Interior

As características espaciais e a organização interior do edifício da Tinturaria Portugália mantem-se idênticas à época em que esta laborava, apesar do seu muito mau estado de conservação.

Foram demolidos ou acabaram por ruir vários elementos importantes, uns mais essenciais que outros, para a perceção dos espaços e ambientes que constituíam o interior da fábrica.

Os mais importantes foram naturalmente as coberturas, de duas águas, suportadas por asnas de madeira que cobriam e permitiriam vislumbrar o ambiente interior da fábrica. Também foram destruídos muretes de caldeiras assim como as próprias caldeiras e toda a restante maquinaria quer era fundamental para contar a história deste edifício mas que infelizmente já não existe.

Contudo subsistem bastantes documentos que possibilitam a explicação e compreensão do complexo, como o levantamento feito pelo arquitecto Manuel Tainha (imagem 25), fundamental para entender as funções de cada espaço e a razão pela qual assim se dispunham. O projeto da fábrica Amidex em 1937 complementa a informação dando a conhecer os planos futuros desta fábrica naquela época.

A organização interior do edifício pode ser lida e explicada através da divisão do complexo em duas grandes áreas, consoante a fábrica que nessas áreas laborava e posteriormente explicada consoante a sua organização interior através das naves.

Começando pela zona sul e respetivamente pelo documento e projeto mais antigo referente á Fábrica Amidex, podemos dizer que a nave diretamente ligada à fachada é composta essencialmente por zonas de armazenagem, seguindo-se de uma nave aparentemente sem qualquer uso específico, ao que tudo indica, trabalhavam as máquinas de maior dimensão, e por fim a nave situada mais a oeste, onde se situavam depósitos e fundamentalmente zonas de peneira para a matéria-prima. Posteriormente na parte norte da fábrica, onde laborava a Tinturaria Portugália, a nave junto à fachada tem um aproveitamento diferente em relação ao que acontecia na fábrica Amidex, pelo que neste lado existem muito mais compartimentações dedicadas a áreas técnicas tais como a zona de tinturaria, armazenagem, depósito e cozinha de tintas e ainda um laboratório, zona de lavagem e instalações sanitárias.

A nave central mantém-se idêntica ao seu estado original ainda hoje, sem qualquer divisão significativa, sendo utilizada na época em que a fábrica laborava para a secagem e acabamentos finais dos tecidos.

Por fim a norte da fábrica, anexo ao edifício de habitação, situa-se um volume com características diferentes das encontradas no restante complexo.

A cobertura é curva em betão, terminando num lanternim que ilumina o interior da nave. Este edifício tinha como função o branqueio e chamoscagem dos tecidos.

### 2.3.1.2 Organização Exterior

A partir do exterior são evidentes as características que tornam este edifício único. São os vãos e chaminés que ainda persistem e as coberturas que outrora acrescentavam valor ao edifício.

O potencial quer das chaminés quer dos vãos é agora ofuscado pelas camadas de edifícios e armazéns precários que se situam na envolvente



da e principalmente entre a Rua Gualdim Pais e a fachada em arco da tinturaria.

As coberturas e as paredes brancas caiadas são apenas memória de quem as viu.

Especificamente e através dos documentos encontrados em arquivo é possível chegar a dados mais concretos sobre todos os elementos mencionado anteriormente.

A fachada de aproximadamente 134 metros, composta por 28 arcos, é única na cidade de Lisboa. A 11 de Dezembro de 1923 é descrito da seguinte forma a construção e detalhe da fachada assinada pelo Engenheiro Chefe Afonso Magalhães de Almeida Fernandes: "Assentando estas em terreno firme e construídas em pegões de pedra rija de alvenaria e arcos em tijolo bem cosido e argamassa de cal e mato e areia com a dosagem de 1:3 e bem assim construir desde já a parede em tijolo indicada na planta geral pelas letras A B e C com o fim de vedar a propriedade no limite confinante com o proprietário vizinho e apresentando em breve o projeto completo de toda a obra a realizar."<sup>20</sup>

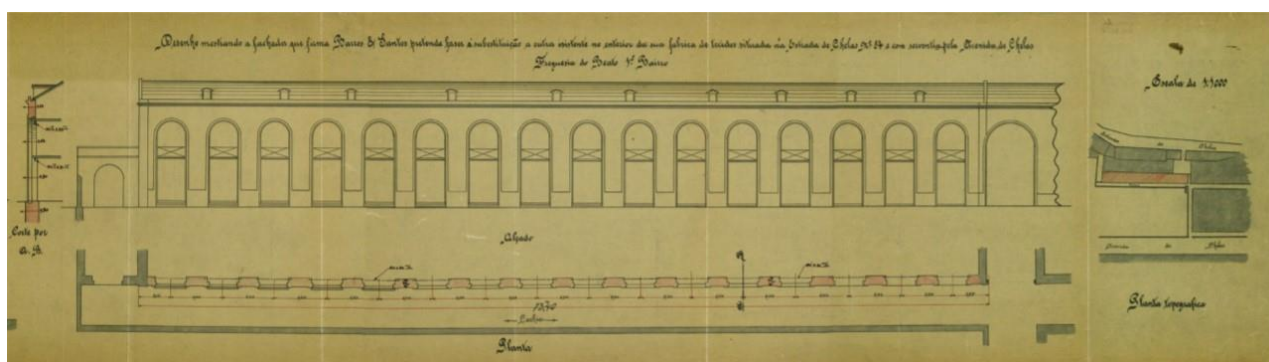
A 5 de Janeiro de 1929, é também descrito e pormenorizado a constituição das paredes estruturais e dos vãos: "Elevação: Será feita em pilares de tijolo maciço com 0.50cmx0.50cm, a mesma dimensão



26. Estado atual da fachada virada a Este (2018)



28. Estado Atual dos Vãos da fachada virada a Este (2018)



27. Projeto para a substituição parcial da fachada, a cargo da firma Barros e Santos, 1923

<sup>20</sup> AML: Arquivo Municipal de Lisboa



29. À esquerda a chaminé que ruíu e à direita uma das ainda existentes.

dos pilares interiores. Todos os pilares que suportam as cargas das asnas serão encimados por elementos de betão armado. As paredes exteriores serão a uma vez de tijolo furado e travado de cabeça por tijolo burro de 4 em 4 fiadas. As divisórias interiores serão a  $\frac{1}{2}$  vez de tijolo furados, toda a argamassa a empregar será hidráulica.”<sup>21</sup>

Quando aos vãos “Toda a caixilharia e portas serão de pinho com as secções apropriadas levando chapa de vidro nacional de 3mm de espessura.”<sup>22</sup> Ainda é referido que as pinturas deveriam ser feitas a “Tinta de Óleo e Cal de cor.”<sup>23</sup>

Esta obra ficou a cargo do construtor civil Crispim Nunes, responsável pelas obras na firma Amidex.

Todas as descrições e pormenorizações feitas acima contribuem bastante e de forma fidedigna para uma futura intervenção no edifício. Finalmente as chaminés que simbolicamente marcam antigas indústrias, mesmo após o estado de ruína imperar nos edifícios, as chaminés tendem a perdurar alegoricamente por muitos mais anos e este complexo não é exceção.

Existiram em tempos três chaminés nesta fábrica, resistindo apenas duas. Todas elas tinham como função extrair o fumo produzido pelas caldeiras.

Uma delas, situada a norte, mantém-se integrada no edifício e é caracterizada pelos 21.7 metros de altura, a sua constituição é de tijolo de burro suportado por anéis metálicos.

Paralelamente a esta chaminé existe uma de menores dimensões, 16 metros e altura e já descontextualizada, estando isolada no centro de um pequeno lote.

Da terceira chaminé restam apenas cerca de 11 dos seus 27.5 metros de altura, dado que após o encerramento da Tinturaria Portugália em 1976, grande parte da sua estrutura ruíu arrastando consigo a cobertura do edifício no qual funcionava.

---

<sup>21</sup> AML: Arquivo Municipal de Lisboa

<sup>22</sup> Ibidem

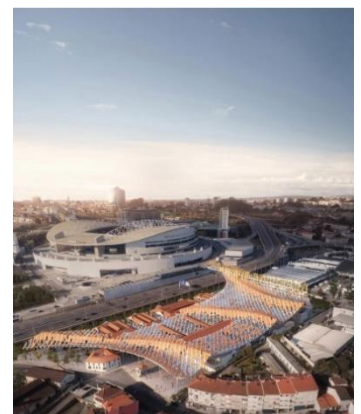
<sup>23</sup> Ibidem

## CAPÍTULO 3 - CASOS DE ESTUDO

Como casos de estudo, iremos abordar três projetos que foram importantes na medida em que sustentam decisões com relevância para o projeto tais como: o sentido de oportunidade de criar algo inovador e que da mesma forma preserve e respeite o património; a relação entre o programa e a resposta na forma de arquitectura e por fim a preservação da memória e do espírito do lugar.

### 3.1 Antigo Matadouro do Porto – Kengo Kuma & OODA

A parceria entre o atelier português OODA (Oficina de Arquitectura e Design), fundado em 2010 por um grupo de três arquitectos Diogo Brito, Rodrigo Vilas-Boas e Francisco Lancastre com o lema de criar "uma filosofia de desenho sofisticado com as novas tecnologias", de forma a praticar "uma arquitectura contemporânea diferente" e o conceituado atelier do japonês Kengo Kuma, reconhecido por grandes obras tais como o Suntory Museum of Art, na capital japonesa; a Bamboo Wall House, na China; o novo estádio olímpico de Tóquio; o Besançon Art Center, em França; entre outros, resultou na proposta vencedora para a revitalização do antigo Matadouro do Porto, localizado em Campanhã, tendo como principal referência o estádio do Futebol Clube do Porto e a sua proximidade com a VCI.



30. Proposta para a renovação e expansão do Antigo matadouro do Porto.

Fonte: OODA + Kengo Kuma

*"My buildings are always part of the place, part of the location. I want to merge buildings into the environment as best I can. Harmony is always the goal of my practice"*<sup>24</sup>

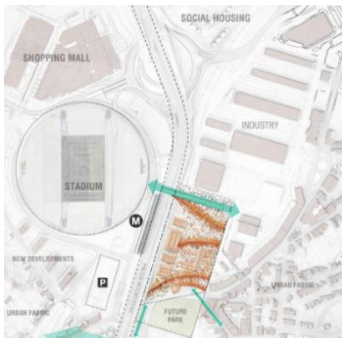
---

<sup>24</sup> Kengo Kuma em entrevista à CNN. <https://edition.cnn.com/style/article/a-walk-with-kengo-kuma/index.html> [13 de Janeiro de 2019].



31. Estado atual do Matadouro

Fonte: OODA



32. Contexto

Fonte: OODA



33. Proposta de acesso através de ponte pedonal.

Fonte: OODA



34. Proposta para reutilização ou alteração das coberturas

Fonte: OODA

O antigo matadouro concebido em 1910 pelo engenheiro Avelino de Andrade (1895-1964) integra um conjunto de edifícios marcantes da época industrial da cidade do Porto, tendo sido considerado um dos edifícios mais influentes na economia da região nos seus tempos mais prósperos.

Após o seu arruinamento e consequentemente abandono, surge uma proposta para a sua reconversão, irreverente, que promete devolver este espaço à cidade preservando a tradição do lugar através de um programa multifuncional que pretende acolher empresas, mas também reservas de arte, museus, auditórios e projetos de coesão social.

O programa na escala urbana propõe a criação de um edifício ponte que permite conectar a estação de metro do porto ao edifício em questão. Esta ligação irá criar um acesso fácil para quem pretender chegar ao novo complexo mas também permitirá que toda a comunidade envolvente tenha uma nova ligação entre as cotas altas e baixas desta zona.

Este edifício pelas suas características cria uma praça elevada que terá um jardim publico que irá funcionar como miradouro tanto para o projeto como para a restante cidade.

A ligação entre o novo e o velho é transportada para o projeto através da cobertura e da sua forma que se estende por todo o projeto. A cobertura cobre ou integra a antiga cobertura, consoante o grau de degradação em que esta se encontra.

Os telhados que se encontram em bom estado são então preservados enquanto os que não justificam a sua reabilitação são substituídos pela estrutura inovadora desenhada pelos arquitetos, preservando desta forma o máximo de elementos referentes ao património histórico do antigo matadouro.

Esta nova cobertura será idêntica à tradicional, no entanto, bastante inovadora.

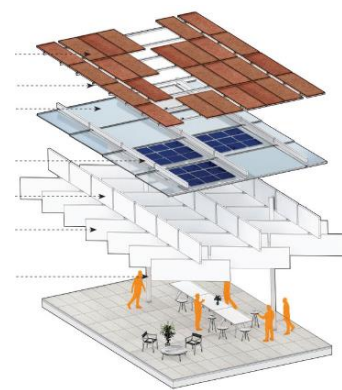
As telhas cerâmicas serão as principais peças do telhado, tendo como inovação a introdução de vários painéis de vidro que permitem trazer luz natural ao nível do solo mas também abrigar do sol, da chuva e terão a capacidade de ventilar o espaço naturalmente permitido que o

local seja utilizado durante todo o ano com a garantia de proteção em climas extremos, tanto no inverno como no verão.

No lugar dos vidros opacos serão pontualmente utilizados painéis solares aumentando o nível de sustentabilidade do projeto.

Apesar de esta estrutura ser de grande dimensão, os arquitetos procuraram criar um ambiente de grande leveza tal como as antigas grandes naves que cobriam os espaços industriais.

Em suma a Reconversão e Exploração do Antigo Matadouro Industrial do Porto que foi escolhido pela forma como unifica todo o projeto através de uma cobertura inovadora, nunca se afastando do contexto em que se insere e preocupando-se sempre com a preservação e respeito pelo património existente.



35. Pormenorização do sistema de cobertura

Fonte: OODA

### 3.2 HIBINOSEKKEI + Youji no Shiro

Este caso de estudo não se resume a apenas um projeto mas a um conjunto de projetos que seguem uma linha conceptual que é bastante influente no desenrolar do programa que irei implementar e explicitar mais adiante.

O Atelier japonês HIBINOSEKKEI sofre uma mudança considerável e em 2001 afasta-se do seu passado de 29 anos de experiência em construção dos vários tipos de arquitectura para se especializar em duas categorias: Equipamentos que promovam o bem-estar ao ser humano e equipamentos para crianças. Para isso o atelier criou várias equipas porém a que neste caso importa salientar é a “Youji no Shiro” que se foca no desenho dos equipamentos para crianças tais como orfanatos, jardins de infância e espaços dedicados para crianças em edifícios públicos.

Por exemplo no projeto D.S Nursery em Ibaraki no Japão é possível ver aquilo que acontece em muitos outros projetos deste grupo, o edifício é maioritariamente virado para um pátio interior com as salas dispostas ao seu redor e com uma divisão entre o interior e o pátio feita através de portas de vidro que deslizam manualmente em vez de paredes opacas com janelas. Desta forma possibilitam a abertura dessas mesmas divisões para o pátio, conseguindo assim trazer muito mais luz natural ao interior das salas, ventilar quando necessário e criar



36. D.S Nursery / HIBINOSEKKEI + Youji no Shiro (2015) Foto de Studio Bauhaus



37. OA Kindergarten / HIBINOSEKKEI + Youji no Shiro (2016) Foto de Studio Bauhaus





38. NFB Nursery / Youji no Shiro + HIBINOSEKKEI (2016) Foto de: Studio Bauhaus



39. SM Nursery / HIBINOSEKKEI + Youji no Shiro (2016) Foto de: Studio

um espaço de transição entre o interior e o exterior que dá um carácter muito mais livre á circulação das crianças entre as salas e o recreio exterior.

Para além deste tipo de janelas deslizantes e relações com o exterior, é frequentemente utilizada a madeira como material guia de todo o projeto, desde o pavimentos, tetos, mobiliários interiores até aos arranjos exteriores. Esta escolha confere aos espaços um conforto a nível visual mas também térmico e acústico.

Estas características são visíveis noutros projetos do grupo tais como no OA Kindergarten (2016) em Saitama, AM Kindergarten and Nursery (2016) em Kagoshima e SM Nursery (2016) em Toquio.

Resumidamente os projetos deste grupo são bastante importantes na sensibilidade com que os espaços são feitos em função das crianças e em como todo o seu design irá influenciar o dia a dia e o ambiente dos espaços pensados para os mais jovens.

### 3.3 São Lourenço do Barrocal – Eduardo Souto Moura



40 - Vista Aérea da Herdade São Lourenço do Barrocal (2016) Foto de Nelson Garrido

O terceiro e último caso de estudo refere-se ao espírito e á memória do lugar, por isso, a teoria da arquitectura ocorre antes da obra, o estudo do território como palimpsesto irá assumir a história do lugar que por sua vez irá interferir no ato de projetar e toda esta linha de pensamento irá tomar aquando a construção da obra se esta respeita e remete ao passado, mantendo o seu espírito, apesar da sua contemporaneidade.

A escolha desta obra como caso de estudo recai numa obra em Portugal, feita por um arquitecto português, por uma razão bastante simples. O sentimento de pertença e de apego ao passado em Portugal, neste caso no Alentejo, zona rica em várias tradições, inclusive na sua peculiar arquitectura, tornam esta obra num bom exemplo de respeito pelo espírito e memória do lugar arquitectónico.

A herdade de São Lourenço do Barrocal, situada na freguesia de Monsaraz, conta uma história desde o tempo megalítico, época que influencia o nome a esta herdade, dado que, os barrocais “são os afloramentos graníticos que pontuam a paisagem e que representam uma das características naturais mais monumentais do Alentejo.”<sup>25</sup>

A herdade é representativa de outras épocas e proporciona uma viagem temporal tendo início nas “Idades do Bronze e do Ferro, passando pelas ocupações romana e árabe, até chegar aos dias de hoje. No século XIX, cresceu para se tornar num monte, ou uma pequena aldeia agrícola (...)”(...) cuja produção de cereais, legumes, vinho e criação de gado garantia o sustento de 50 famílias que aí residiam o ano inteiro.”<sup>26</sup>

Posto isto, a história do lugar com que o Arquitecto Eduardo Souto Moura teve de lidar era imensa, contudo ao alcance dos seus largos anos de experiência.

Foi isso mesmo que o arquitecto fez, apesar do elevado nível de complexidade reabilitou a herdade focando-se nas questões dos materiais originais, tais como, o tijolo-burro, a cal e a pedra, que remetia para a época de construção dos edifícios em 1820.

Para além de manter a materialidade o arquitecto reabilita o edifício a partir das suas ruínas com a mesma volumetria de outrora. A simplicidade da intervenção é de tal forma eficaz que não é perceptível a abertura de novos vãos em relação ao alçado original.

O programa para esta herdade tem em cota parte uma relação direta com o seu passado regendo-se pelo princípio da autossuficiência, no entanto está agora ligado ao turismo e á cultura de serviço contendo agora uma horta, vinha e produção de vinho, azeite, agricultura de legumes, fruta, cereais e fabrico de pão.



41 - São Lourenço do Barrocal  
(2016) Foto de Nelson Garrido



42 - São Lourenço do Barrocal  
(2016) Foto de Nelson Garrido



43 - São Lourenço do Barrocal  
(2016) Foto de Nelson Garrido

<sup>25</sup> <https://barrocal.pt/> [13 de Janeiro de 2019].

<sup>26</sup> Ibidem



44 - São Lourenço do Barrocal  
(2016) Foto de Nelson Garrido



45 - São Lourenço do Barrocal  
(2016) Foto de Nelson Garrido

"Sendo tempos diferentes, há uma certa continuidade. É engraçado que o que aconteceu quanto à arquitectura também acontece relativamente à vivência: estando tudo diferente, está tudo igual." <sup>27</sup>

É precisamente disto que falamos quando nos referimos à memória e ao espírito do lugar. Quando o cliente garante que sente na nova obra o que se sentia antigamente e que o espírito, neste caso agrícola e rural se mantém apesar da intervenção, estamos perante uma obra que cumpriu aquilo que se pede para uma intervenção em património.

*"Se é de mais, isto estraga-se, se é de menos, não resiste."* <sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> José António Uva, proprietário em entrevista ao Jornal Público. <https://www.publico.pt/2018/05/27/culturaipsilon/noticia/sao-lourenco-do-barrocal-esta-tudo-diferente-esta-tudo-igual-1832347> [13 de Janeiro de 2019].

<sup>28</sup> Eduardo Souto Moura em entrevista ao Jornal Público. <https://www.publico.pt/2018/05/27/culturaipsilon/noticia/sao-lourenco-do-barrocal-esta-tudo-diferente-esta-tudo-igual-1832347> [13 de Janeiro de 2019].



## **CAPÍTULO 4 - FUTURO DA ANTIGA TINTURARIA PORTUGÁLIA**

Neste quarto e último capítulo o projeto justifica-se através da escrita e os passos que foram dados até chegar ao detalhe construtivo são aqui explicados e justificados.

Iremos começar pela razão do programa escolhido, passando depois à pormenorização do mesmo e respetivas estratégias de implementação. Concluimos com a materialidade e as especificações construtivas do projeto que valorizam e rematam o projeto de arquitectura.

### **4.1 Construção do Programa**

A construção do programa surge através da análise feita anteriormente que procura resolver os diversos problemas encontrados, mas também potencializar a escala urbana e a escala arquitectónica aproveitando o crescimento e desenvolvimento que a zona oriente da cidade está a passar.

Contudo os pontos de conexão entre o passado e o futuro que se avizinha para o Vale de Chelas são cada vez menos e é essa a permissão para o programa. Criar equipamentos que permitam a curto, mas também a longo prazo gerar novas ligações da população predominantemente idosa aos mais jovens que começam agora a chegar e a fixar-se. e ao que tudo indica os números tendem a aumentar com a conclusão dos diversos projetos que se estão a desenvolver nas proximidades da antiga tinturaria.

A constituição do programa foi pensada inclusive com o intuito de tornar o edifício público e adequado ao contexto atual mantendo, contudo, a memória e o espírito industrial deste lugar.

### **4.2 Centro Intergeracional**

O isolamento dos idosos, mesmo em grandes centros urbanos, é um problema cada vez mais recorrente e preocupante em Portugal e urge soluções.

O envelhecimento da população, resultado da baixa taxa natalidade e o aumento da esperança média de vida em Portugal, continua a aumentar para níveis preocupantes. Em 2016, segundo dados do INE, de 2016, cerca de 28% da população da capital tinha mais de 65 anos. Em 2011, estimativa da CML, aproximadamente 85 mil das 130 mil pessoas com mais de 65 anos do conselho, enfrentavam o problema da solidão.<sup>29</sup>

Em 2018 a cidade de Lisboa conta com apenas vinte e um centros da SCML o que corresponde a um terço da resposta e é "hoje uma das capitais mais envelhecidas da União Europeia, apresenta um rácio de 100 crianças para cada 186 idosos e prevê-se que em 2050 Portugal seja o terceiro país mais envelhecido do mundo."<sup>30</sup>

Deste modo surge como programa basilar a criação de um centro intergeracional que tem como principal objetivo o apoio parcial e/ou permanente a idosos que após a sua aposentação fiquem sozinhos em casa ou tenham falta de condições para habitarem na sua própria residência.

O conceito de centro intergeracional, tal como o nome indica, promove a interação dos mais idosos com os mais jovens razão pela qual surge também no programa uma creche pré-escolar, para crianças entre os 2 e os 6 anos de idade, sobre a qual iremos falar mais adiante.

A componente voltada para os idosos funciona maioritariamente de forma isolada à das crianças e num edifício novo e anexo ao da antiga Tinturaria Portugália para que seja criado um ambiente de conforto e de total privacidade. Contudo existem espaços e salas preparadas para atividades conjuntas e que promovem o convívio entre idosos e crianças.

A componente mais isolada funciona essencialmente como centro de dia incluindo no seu interior: 1 sala de estar, 1 sala de leitura, 1 sala de culto, 1 sala médica, 1 refeitório capaz de servir almoços e jantares

---

<sup>29</sup> Cristiana Moreira, Jornal Público

<https://www.publico.pt/2018/03/02/local/noticia/santa-casa-vai-gastar-12-milhoes-na-requalificacao-de-21-centros-de-dia-1805009> [14 de Janeiro de 2019].

<sup>30</sup> Ibidem

confeccionados no local para 36 pessoas<sup>31</sup>, 1 café/bar, 1 sala multimédia e por fim num conceito conjunto e de convívio entre as crianças e os idosos 1 sala polivalente de grandes dimensões com capacidade para as mais diversas atividades.

As atividades dinamizadas fora do centro são responsabilidade da administração do próprio que está equipado com salas de trabalho preparadas para esse efeito.

Existem ainda seis residências assistidas que completam o programa referente aos idosos. Estas residências estão preparadas para pessoas que não conseguem habitar sozinhas porém não são aqui abrangidas pessoas acamadas ou em fase terminal.

A creche irá funcionar na zona norte do edifício da antiga Tinturaria que foi totalmente preparada e recuperada para acolher um programa deste tipo.

As creches desempenham um papel importante na coesão social em lugares com bastantes carências sociais e ajudam na fixação da população em zonas que correm o risco de ser invadidas pelo mercado imobiliário ou mesmo pela pressão turística. É com esse pretexto e pela falta deste tipo de equipamentos que surge a creche.

A creche está dividida em dois pisos, estando no piso inferior três salas vocacionadas para atividades lúdicas, com a possibilidade de se abrirem para um pátio interior ao ar livre e no piso superior cinco salas vocacionadas para o ensino. A creche tal como o "centro de dia" conta com uma cantina com capacidade para servir refeições confeccionadas no local para 60 crianças e a sala polivalente comum aos dois programas.

Todo o piso inferior funciona numa temática que pretende criar ligações diretas com a natureza, o exterior e o ar livre inspiradas pelo grupo Youji no Shiro do atelier HIBINOSEKKEI.

---

<sup>31</sup> Fernando Medina, in [www.facebook.com/fernandomedina.pcml](http://www.facebook.com/fernandomedina.pcml) [28 de Setembro de 2018].

“Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis”<sup>32</sup>

### 4.3 Mercado

A sul do edifício é proposto um programa de mercado com duas vertentes, o chamado “mercado típico”, conhecido pelos produtos frescos e naturais e uma outra vertente mais atual e com uma função revitalizante, o mercado “contemporâneo”.

A tipologia e estrutura de mercado “enquanto fornecedor primordial de bens alimentares de uma população urbana, deixou de ser imprescindível”<sup>33</sup> e atingiu o seu ponto de rotura nas últimas décadas do séc. XX.

Como refere João Barreta, já no séc. XXI com evolução da sociedade e os novos hábitos de consumo virados para as grandes superfícies comerciais alteraram o conceito de mercado que tínhamos antes. Surgem novas vertentes que procuram retificar os erros do passado, que afastaram as pessoas destes espaços, através do estudo das novas necessidades da sociedade.

Para que o mercado proposto seja bem sucedido foi elaborada uma análise crítica, idêntica à análise SWOT, onde são tidos em conta as vantagens e desvantagens dos mercados atuais assim como os fatores internos, diretamente ligados ao funcionamento do mercado, e externos.

*É agora necessário, visto que estamos num período de transição, analisar e propor um formato de mercado que se adapte ao presente e sirva como modelo para o futuro, que mantenha a tradição e simbolismo do mercado típico mas que resolva os problemas já verificados nos “novos” mercados.<sup>34</sup>*

---

<sup>32</sup> Kevin Lynch (2017) *A imagem da cidade*. p.11

<sup>33</sup> Sara Teixeira (2007) - Mercados abertos: 1949 - 1974. Coimbra: DA FCTUC p. 116

<sup>34</sup> João Barreta (2002) *Organização e gestão dos mercados municipais*

	<b>VANTAGENS</b>	<b>DESVANTAGENS</b>
<b>FATORES INTERNOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Especialização em produtos bem frescos (boa imagem e de "confiança");</li> <li>- Concorrência entre vários operadores com oferta de variedade (qualidade e preços);</li> <li>- Atendimento personalizado;</li> <li>- Garantias "municipais" (sanidade pecuária, limpeza e higiene...);</li> <li>- Zona de influência abrange um território bastante alargado;</li> <li>- Valor histórico-patrimonial de interesse público;</li> <li>- Forte identidade com o espaço urbano;</li> <li>- Lugar de encontro e convivência social por eleição;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de um elemento "âncora";</li> <li>- Ambiente físico pobre e pouco atrativo;</li> <li>- Escasso nível/falta de serviços;</li> <li>- Reduzida dimensão dos estabelecimentos;</li> <li>- Desajustamento entre a oferta existente e a procura atual (essencialmente ao nível Alimentar);</li> <li>- Desfasamento das instalações, face às exigências da procura;</li> <li>- Dificuldades de acesso e estacionamento;</li> <li>- Capacidade financeira dos operadores debilitada;</li> <li>- Desconhecimento das necessidades de formação profissional e fraca apetência dos visados para frequência de ações;</li> <li>- Desconhecimento de técnica de merchandising, animação comercial e promoção;</li> <li>- Pequenos estabelecimentos sem organização empresarial</li> </ul>
<b>FATORES EXTERNOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qualidade dos produtos comercializados;</li> <li>- Consumidores mais exigentes, informados;</li> <li>- Maior predisposição da procura para produtos "naturais";</li> <li>- Valorização pela procura de aspetos como o atendimento personalizado e satisfação plena das necessidades;</li> <li>- Tendência crescente para a revitalização urbanística e comercial do centro das cidades;</li> <li>- Administração (Central e Local) encara cada vez mais os Mercados como um "valor urbano" capaz de criar mais "centralidades" e gerar fluxos;</li> <li>- Saturação do consumidor face ao formato híper;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ótica de gestão pouco "empresarial";</li> <li>- Excessiva dependência face aos meios/recursos autárquicos;</li> <li>- Horários praticados inadequados à procura atual/potencial;</li> <li>- Pouca receptividade à modernização, pelos operadores;</li> <li>- Concorrência mais agressiva face à aposta de outros formatos em segmentos como o hortícola/fruta, peixe, carne;</li> <li>- Mercados "marginais" (ambulantes, por exo.) junto ao Mercado;</li> <li>- Fraca adesão a iniciativas que promovam o Associativismo;</li> <li>- Escalão etário dos operadores é elevado e o recurso à formação profissional é muito raro;</li> <li>- Inexistência de uma política para o comércio, por parte das Autarquias;</li> </ul>

É entre o conceito velho e novo que o programa se baseia. Tal como no centro intergeracional há uma ligação entre o passado e o futuro, entre o que é novo e o que é antigo.

O mercado típico funciona aqui numa lógica de comércio local e diretamente ligada à população envolvente uma vez que em conversas informais pela Rua Gualdim Pais foram levantados vários problemas ao nível do comércio de produtos alimentares e espaços de restauração (ver anexo conversa informal).

Mesmo com a proximidade de grandes superfícies comerciais os mais idosos salientaram quer pela falta de acessos, que pela sua própria falta de mobilidade, não lhes era possível ir até esses espaços e inclusivamente quando tinham essa possibilidade sentiam-se deslocados e perdidos em espaços de tão grande dimensão.

O mercado típico para dar resposta a estas questões tem disponíveis 8 bancas de 7 metros por 1,5 metros com a possibilidade de serem divididas em bancas de 3,5 metros por 1,5 metros e adquiridas por comerciantes ou particulares.

Aproveitando o carácter rural que ainda persiste no vale de chelas, são criados a sul do mercado talhões agrícolas, que devem ser adjudicados à população local que tenha interesse na sua exploração com possibilidade de vender os produtos aí cultivados no mercado.

Este tipo de logística é fundamental para criar uma ligação forte entre a população residente e o novo mercado para que este seja aceite e funcione como um ponto de unificação e de encontro e que contribua fundamentalmente para uma nova centralidade.

Por outro lado, no mercado moderno, prevê-se um programa idêntico às reformulações de sucesso que foram feitas noutros mercados.

Esta vertente está dividida em dois pisos, estando no piso inferior uma zona de restauração com capacidade para 120 pessoas, composta por 8 áreas para restaurantes e 2 para bares. É relevante salientar que os restaurantes estão projetados para que seja possível tornar dois espaços de restauração em apenas um, permitindo uma maior polivalência e rentabilidade dos espaços.

No piso superior prevêem-se 4 salas polivalentes preparadas para workshops, conferências e atividades, principalmente, relacionadas

com a temática do mercado e do centro intergeracional. As salas polivalentes têm à sua disposição um bar de apoio e uma zona *lounge*. Para além desta nova abordagem foram tidas em conta algumas causas que afastam as pessoas dos mercados, tais como: a falta de estacionamento na envolvente e os níveis altos de ruído que se sentem no interior destes espaços.

Foi portanto criada uma bolsa de estacionamento, com 115 lugares, enquadrada no meio envolvente.

A questão do ruído foi solucionada através dos materiais, que serão aprofundados mais adiante e também através de pátios interiores que para além de trazerem luz natural criam divisões que tornam o espaço de restauração mais calmo e acolhedor.

#### 4.4 Espaço Público e a Relação com o Edifício

A estratégia prevista à escala urbana é implementada em virtude dos problemas levantados na fase de análise e que resultou na requalificação de diversos elementos referentes ao urbanismo.

As principais alterações foram feitas no espaço público tendo sido criado um grande espaço verde, em frente à fachada da fábrica, que permite agora ligar este projeto aos restantes espaços verdes previstos no PDM e projetado pelo atelier NPK para esta zona.

A consolidação da estrada de chelas e a criação de outros acessos que liguem as cotas superiores às inferiores do Vale são fundamentais para que projeto de arquitectura resulte, não só como projeto de arquitectura mas também como parte integrante de um processo de revitalização e recuperação de todo o Vale de Chelas.

É portanto fundamental estabelecer uma relação entre o espaço público envolvente ao edifício a reabilitar.

Com o propósito de criar uma microcentralidade na área de intervenção são necessárias uma serie de infraestruturas aliadas às várias escalas de trabalho, desde o urbanismo á arquitectura e ao paisagismo.

Nesse sentido o espaço urbano proposto segue em parte o que o plano urbano dos NPK propõe para este espaço, criando duas bacias de retenção que têm como função reter o maior caudal de água possível

e evitar inundações, sendo esta área bastante propensa para esse tipo de fenómenos.

Em relação ao tema da água é proposta uma área de solo permeável com cerca de 1.20ha que irá conter espaços de lazer ajardinados e bastantes árvores que proporcionem sombra aos espaços de estadia. Ainda aliado ao fator da água e do solo permeável são propostos cerca de 50 talhões agrícolas, tal como já foi dito na descrição do programa para o mercado, algo que irá aumentar a proximidade entre o que acontece na envolvente e o edifício.

Ao nível da mobilidade é proposto um troço de ciclovía que parte da zona ribeirinha e termina no ponto de cruzamento entre a Rua Gualdim Pais e a Estrada de Chelas.

A Estrada de Chelas é também parte integrante do tema da mobilidade uma vez que o seu carácter pedonal é novamente reforçado pelo facto das hortas, das habitações propostas e da requalificação dos espaços envolventes que irão contribuir para maior segurança e consequentemente maior utilização, tema que foi abordado no capítulo 1.3.3.

O estacionamento proposto também será importante na medida em que irá permitir que cheguem pessoas de outros lugares contribuindo para o processo de gentrificação positivo abordado no capítulo 1.3.1. Concluindo, a relação entre o espaço público e o projeto é fundamental visto que o programa aqui implementado está diretamente ligado à saúde e ao bem-estar dos mais velhos e das crianças e ao ser aplicado irá com certeza contribuir para uma revitalização urbana positiva e eficaz.

#### 4.5 A Interligação entre Centro Intergeracional e o Mercado

A estratégia prevista à escala arquitectónica é implementada em virtude dos problemas levantados na fase de análise assim como na aconteceu na escala urbana.

Para isso tem de existir uma interligação entre os próprios programas propostos para que a reabilitação de um edifício com estas dimensões funcione.



Algo que não está inerente ao programa para o edifício mas que também tem um papel importante é o antigo edifício das caldeiras, que se implanta perpendicularmente à fachada da fábrica e tem como proposta programática acolher o centro interpretativo da antiga Tinturaria Portugália assim como do património industrial do Vale de Chelas.

O propósito desde programa é que sejam recolhidas e expostas informações sobre o passado dos edifícios tais como: fotografias e plantas originais entre outros documentos de arquivo, de forma a recordar o passado e sensibilizar para a importância da preservação do Património Industrial. Por outro lado deve ser também apresentado, numa perspetiva de futuro, as potencialidades do Vale de Chelas assim como propostas para a melhoria do mesmo.

Como foi descrito anteriormente o programa para este edifício agrupa dois tipos de equipamentos, fundamentais para a microcentralidade pretendida, um centro intergeracional e um mercado.

Este programa foi pensado numa lógica conjunta e para que todas as atividades se possam conjugar e coabitar no mesmo edifício.

A temática do mercado já foi um pouco desvendada no capítulo 4.3 com a explicação de que existe a possibilidade dos vários produtos agrícolas produzidos nas hortas poderem ser vendidos no mercado e adquiridos quer pelos restaurantes quer pelo próprio centro intergeracional.

Apesar disso o pretende-se ainda uma maior interação entre todos os atores do projeto, através de iniciativas que levam tanto jovens, como idosos às hortas, ao mercado e aos workshops que se pretendem relacionados com o tema da cozinha, de preferência biológica, que está necessariamente ligada aos produtos cultivados naturalmente.

Os restaurantes também devem funcionar numa lógica de comércio local, no sentido que os produtos agrícolas utilizados na confeção das refeições podem e devem ser adquiridos no mercado resultando numa assim numa maior cooperação de todos.

## 4.6 Cobertura

A cobertura surge neste projeto como a grande oportunidade de mudança, uma vez que as coberturas originais ruíram na sua totalidade e subsistem apenas memórias, memórias fotográficas ou desenhos em arquivo.

A forma como a antiga Tinturaria Portugalia foi encontrada deixou em aberto dois caminhos, a possibilidade de se reconstruir a cobertura de forma idêntica à original ou de fazer algo complementemente diferente e contemporâneo.

A decisão recaiu numa aposta mais arrojada e contemporânea, nunca esquecendo os conceitos de memória do lugar, respeito pelo património e fatores positivos e negativos que deste tipo de intervenção podem resultar.

O conceito do projeto foi inicialmente idealizado de forma que se criasse uma relação entre o passado, analisando o presente e pensando no futuro, conceito este que se refletiu nomeadamente: na reabilitação dos elementos que persistiram do passado, principalmente as fachadas que preservam a memória do lugar e remetem obviamente para o passado.

Foi implementado um programa ajustado ao contexto e à situação atual do lugar, pensando assim no presente e por fim, o futuro, que se faz representar pela cobertura inovadora que confere ao projeto algum destaque na paisagem, não sendo isso uma pretensão mas sim uma consequência da própria estrutura e forma da cobertura.

A cobertura, conceptualmente, ergue-se como peça chave do projeto e com o objetivo de lhe conferir uniformidade quer do ponto de vista do utilizador quer por quem por ele passa.

Construtivamente, a cobertura é bastante complexa e está suportada pelo mesmo material que compõe as laminais, madeira lamelada colada, também conhecida por Glulam <sup>35</sup>.

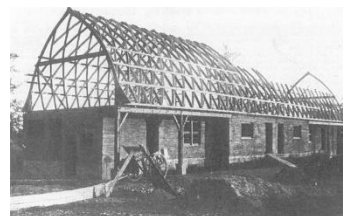
---

<sup>35</sup> Ver capítulo 4.7 Materialidade

Este tipo de madeira permite, à semelhança das asnas, uma maior amplitude de vãos, o que é ideal para edifícios industriais, grandes salas de espetáculo ou de desporto.

Esta nova cobertura tem a mesma materialidade da antiga, madeira, contudo para além de cumprir as funções mínimas que se exigem para uma cobertura, tal como acontecia antigamente, esta proporciona um jogo de luz e sombra diferente de uma cobertura tradicional, principalmente nos pátios interiores do edifício.

Em termos construtivos a cobertura dispõe-se em lâminas verticais e diagonais de 30cm x100cm, que se interseitam entre si, criando um padrão em forma de diamante, idêntico ao criado por Zollinger <sup>36</sup>, mas de uma forma contemporânea. A divisão entre o interior e o exterior é feita ou através de uma superfície sólida ou opaca consoante a necessidade de iluminar o espaço.



46. Sistema construtivo de F.Zollinger, Mersebur, 1922

## 4.7 Materialidade

As materialidades e técnicas construtivas aplicadas neste projeto têm como capital objetivo atribuir ao edifício três particularidades: Um aspeto visual homogéneo, conforto térmico e acústico.

De forma a conferir um aspeto visualmente homogéneo escolhemos uma paleta de materiais reduzida e que permite perceber quais os elementos reabilitados e novos.

Os materiais são nomeadamente:

O betão, aplicado nas fachadas pré-existentes, com acabamento bujardado, para que lhes confira um aspeto industrial e simultaneamente idêntico ao original.

É importante salientar que, principalmente, devido ambiente de mercado o betão aplicado será do tipo leve e termo acústico fabricado com regranulado de cortiça expandida.

Os materiais associados à nova construção são amadeirados de diversos tipos.

---

<sup>36</sup> Surge nos anos 1920s, o princípio criado por Fritz Zollinger, em Mersebur, perto de Leipzig, que consistia na junção de placas de madeira num padrão de diamante com o objetivo de formar um sistema treliçado.

A cobertura sendo um elemento a destacar será construída com madeira lamelada colada ou Glulam<sup>37</sup>, um material destinado à construção composto por madeira de pinho nórdico, que provem de florestas sustentáveis. As vigas de madeira lamelada são formadas por lâminas coladas entre si que conferem à estrutura uma grande resistência. Este tipo de estrutura de madeira permite também uma grande variedade de formas e dimensões, como é o caso das grandes naves industriais.

Este tipo de madeira corresponde ao que foi idealizado para a materialidade, principalmente interior, do edifício pois confere uma excelente acústica e conforto interior.

A madeira também será utilizada como material estrutural de suporte da cobertura o que irá permitir conferir aos espaços interiores uma maior homogeneidade desde revestimentos de paredes, mobiliário e pavimentos

---

<sup>37</sup> <https://www.jular.pt/produtos/estruturas-em-madeira/madeira-lamelada-colada>  
Consultado em 27/11/18

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após cerca de 45 anos em constante e progressiva degradação, o Vale de Chelas, assim como toda a zona oriental de Lisboa, tem agora a sua grande oportunidade de mudança.

Em conjunto com os grandes investimentos que estão a ser feitos um pouco por toda a frente ribeirinha, o Vale de Chelas pode e deve acompanhar tais investimentos, porém numa vertente complementar ao que está a ser feito.

Neste Vale quer-se um novo corredor verde da cidade, a conjugação dos programas habitacionais e de trabalho, ou seja, uma vertente mais lúdica e de equipamentos, que devem integrar a população que permanece expectante em relação ao seu futuro neste território que agora se está a alterar.

Esperamos que este trabalho seja também um contributo para a salvaguarda do património industrial Lisboeta, em especial no Vale de Chelas, que se encontra em sua grande maioria por classificar ou reconhecer como tal.

Acima de tudo esperamos que este trabalho contribua para a alteração proposta da ARU do Vale de Chelas e que se volte a considerar a manutenção deste edifício, a par de outras fábricas e vilas operárias em vez da sua demolição.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARRETA**, João (2003) *Mercados Municipais: a loja âncora dos centros urbanos*. Marketeer, nº 89. Julho-Agosto.

**BARRETA**, João (2002) *Organização e gestão dos mercados municipais - mudar e inovar para competir*. GEPE (Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica/Ministério da Economia). Lisboa.

**CASTILHO**, Júlio de (1893) *A Ribeira de Lisboa – Descrição Histórica da Margem do tejo desde a Madre Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Camara Municipal. Anot. Luis Pastor de Macedo. 5 Volumes. 2ª ed. rev. (1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional).

**CULLEN**, Gordon (2017) *Paisagem Urbana*. 1.a ed. Lisboa: Edições 70.

**CHOAY**, Françoise (2008) *Alegoria do Património*. 2.a ed. Lisboa: Edições 70.

**CORBOZ**, André (2001) "Le territoire comme palimpseste" in *Territoire comme palimpseste et autres essais*. Paris: Les Editions de L'imprimeur.

**DGOTDU** (1998) *Vocabulário Urbanístico*. Lisboa.

**FERNANDES**, José Manuel (2003) *Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX*. Lisboa: Secil.

**FOLGADO**, Deolinda; **CUSTÓDIO**, Jorge (1999) *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte.

**FURTADO**, Mário (1997) *Do Antigo Sítio de Xabregas*. Lisboa: Vega.

**HUYSEN**, Andreas (2003) *Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory*. California: Stanford University Press.

**JESKA**, Simone; **PASCHA**, Khaled Saleh (2015) *Emergent Timber Technologies: Materials, Structures, Engineering, Projects*. Birkhäuser: Basel.

**KONG**, Mario S. Ming (2013) *Central Tejo - Uma Abordagem da Arquitectura Industrial*. Lisboa: Insidacity Lda.

**LYNCH**, Kevin (2017) *A imagem da cidade*. 1.a ed. Lisboa: Edições 70.

**MATOS**, José Sarmiento de; **PAULO**, Jorge Ferreira (1999) *Caminho do Oriente: Guia do Guia Histórico I*. Lisboa: Livros Horizonte.

**MOURA**, Dulce; **GUERRA**, Isabel; **SEIXAS**, João; **FREITAS**, Maria João (2006) "A Revitalização Urbana – Contributos para a Definição de um Conceito Operativo" in *Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das actuações a concretizar no QREN*, Outubro de 2005. Lisboa, pp.15-34, Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/3428> [13de Janeiro de 2019].

**NORBERG-SCHULZ**, Christian (1980) *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli.

**PORTAS**, Nuno, **DOMINGUES**, Álvaro e **CABRAL**, João (2007) *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*. 4.a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**ROSSI**, Aldo (2001) *A Arquitectura da Cidade*. Trad. José Charters Monteiro. Lisboa: Edições Cosmos.

**RUSKIN**, John (1849) *The Seven Lamps of Architecture*. New York, John Wiley.

**SAMPAIO**, Maria da Luz (2015) *Da fábrica para o museu - Identificação, patrimonialização e difusão da cultura técnico-industrial*. (Tese de doutoramento). Universidade de Évora, Portugal, Disponível em <http://rdpc.uevora.pt/> [13 de janeiro de 2018].



**TEIXEIRA, Sara** (2007) *Mercados abertos: 1949 - 1974*. Coimbra: DA FCTUC

**ZUMTHOR, Peter** (2006) *Atmosferas*. 1.a ed. Gustavo Gili editora, Barcelona.

## **PUBLICAÇÕES:**

**BARRETA, João** (2011). *Mercados municipais em Portugal – Cenário para 2030*. Distribución y Consumo.

**MOREIRA, Cristiana Faria** (2018) *Santa Casa vai gastar 12 milhões na requalificação de 21 centros de dia*. Jornal Público  
<https://www.publico.pt/2018/03/02/local/noticia/santa-casa-vai-gastar-12-milhoes-na-requalificacao-de-21-centros-de-dia-1805009>  
 [2 de Agosto de 2018].

**MOREIRA, Inês** (2014) *Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais*. ARQA N.112, Lisboa: Futurmagazine, p.118.

## **DOCUMENTOS ELETRÓNICOS**

### **ARU: Área de Reabilitação Urbana**

<http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/aru-vale-de-chelas> [13 de Janeiro de 2019].

### **CML: Câmara Municipal de Lisboa**

PDM: Plano Director Municipal de Lisboa, <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal> [13 de Janeiro de 2019].

### **DGPC: Direção Geral do Património Cultural**

Cartas e Convenções Internacionais sobre Património  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/> [13 de Janeiro de 2019].

**ICOMOS: Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios**

<http://www.icomos.pt/>

**ICOMOS** (1964) *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*. Veneza.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> [13 de Janeiro de 2019].

**ICOMOS** (1987) *Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas*. Washington D.C.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAINTERNACIONALPARASALVAGUARDADASCIDADES HISTORICAS.pdf> [13 de Janeiro de 2019].

**ICOMOS** (1999) *Carta de Burra – Para Lugares de Significado Cultural*. ICOMOS Austrália.

[http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA\\_CHARTER.pdf](http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA_CHARTER.pdf) [13 de Janeiro de 2019].

**Junta de Freguesia do Beato** - <http://www.jf-beato.pt/> [13 de Janeiro de 2019].

**Toponímia de Lisboa** - <https://toponimialisboa.wordpress.com/> [13 de Janeiro de 2019].

Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975) Conselho da Europa, Estrasburgo

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartaeuropaiapatrimonioarquitectonico1975.pdf> [13 de Janeiro de 2019].

Conferência Internacional sobre Conservação, 2000. Carta de Cracóvia 2000 Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, Cracóvia. (Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

Serviço Internacional de Museus, 1931. Carta de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, Atenas. <http://www.igespar.pt>)

UNESCO (1972) Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Paris. (Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

UNESCO (1976) Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea, Nairobi. (Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

UNESCO, ICCROM e ICOMOS, 1994 – Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural, Nara. (Consultado em: <http://www.international.icomos.org/>)

**Princípio de Dublin (2011)** Princípios conjuntos do ICOMOS - TICCIH para *a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Património Industrial*. <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%CC%81pios-de-Dublin.pdf> [13 de Janeiro de 2018].

**Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial (2003)** TICCIH: The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf> [13 de Janeiro de 2018].



## **ANEXOS**



## Anexo I – Cartografia Histórica



*Filipe Folque (1856-1858)*

*Fonte: AML*



*Filipe Folque (1856-1858)*

*Fonte: AML*





*J.F. Pallha (1875)*

*Fonte: AML*



*Silva Pinto (1911)*

*Fonte: AML*

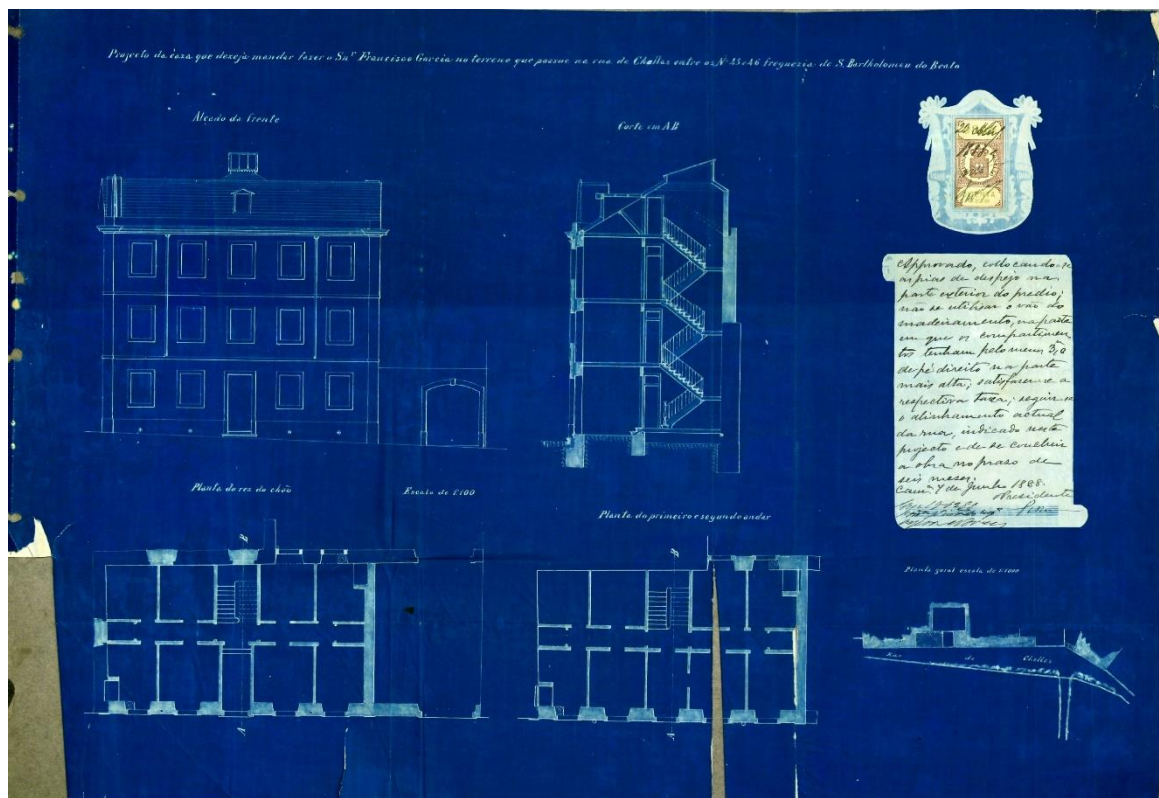




82017 Arquivo Municipal de Lisboa - Cota: 12761 Processo: 173404005/1973 Folha: 4 - Provided by: mind map 2019  
Fonte: 19152 Morada: ESTRADA DE CHELAS, 71 A 85 e RUA GUALDIM PAIS, 87

*Implantação da Fábrica Tinturaria Portugália entre a Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais (1979)*

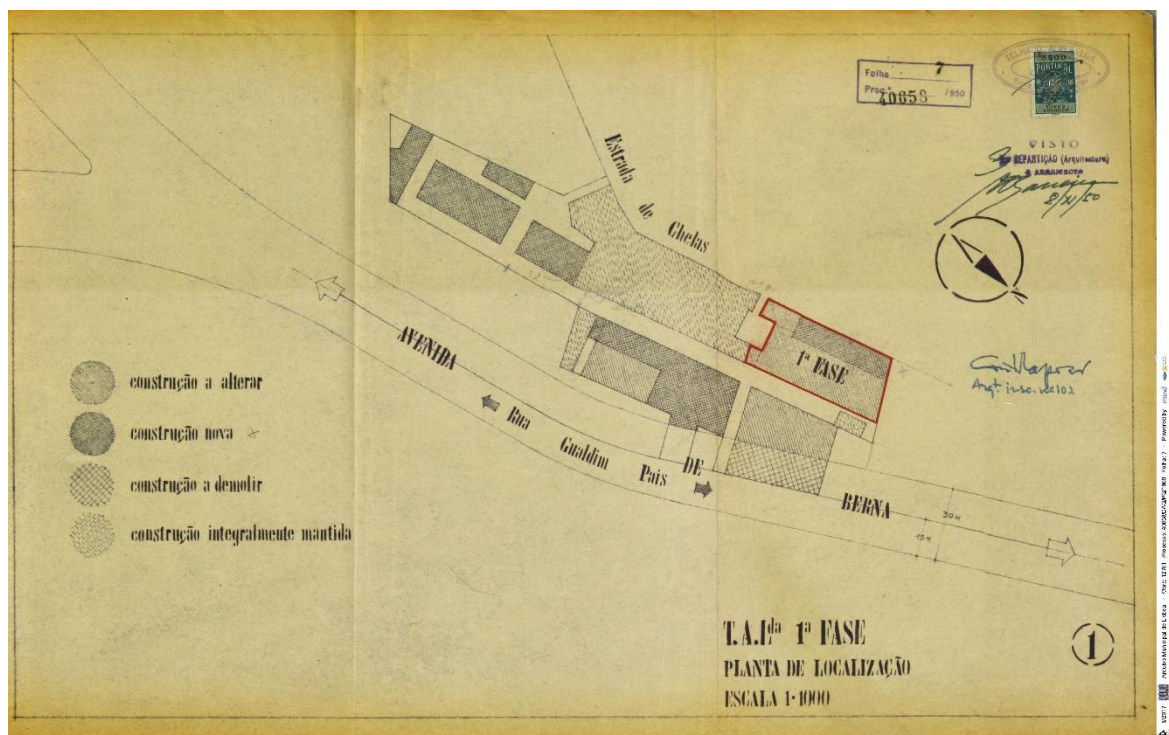
Fonte: AML



*Primeiro Registo da Fábrica Tinturaria Portugália (1888)*

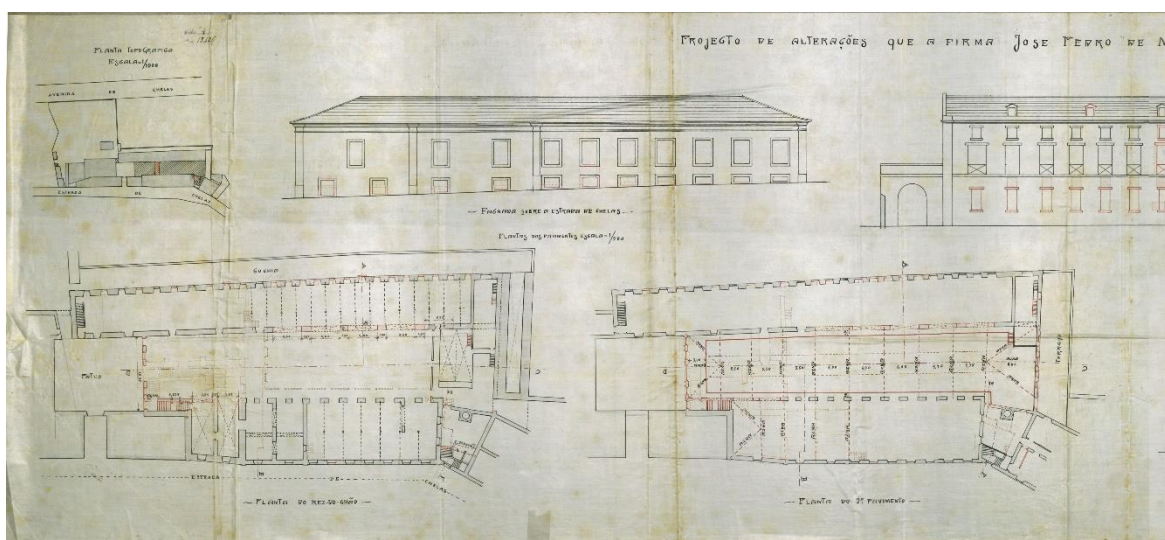
Fonte: AML





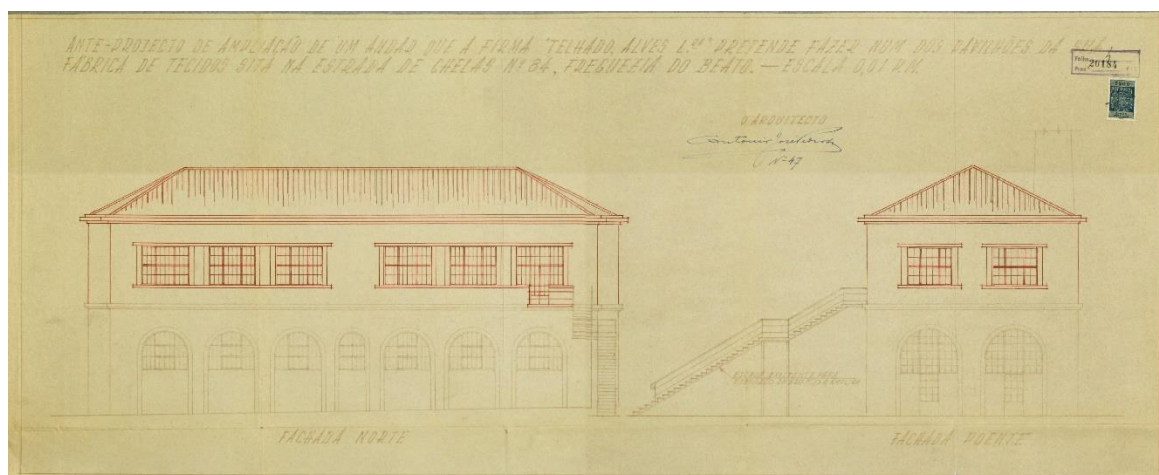
Fases de construção e alterações da Fábrica Tinturaria Portugalía (1951)

Fonte: AML



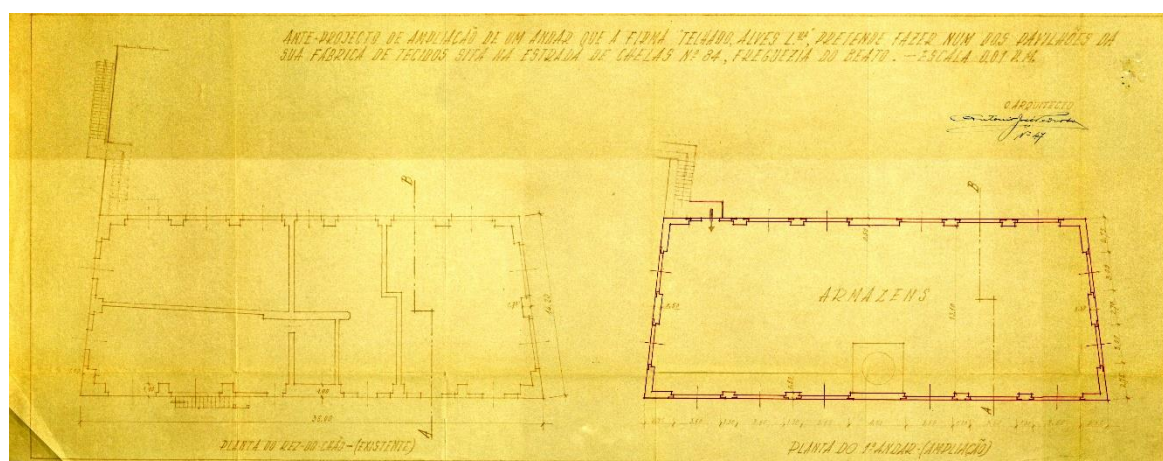
Levantamento por autor desconhecido (1918)

Fonte: AML



Ante Projeto de ampliação da firma "Telhado Alves Lda." (1947)

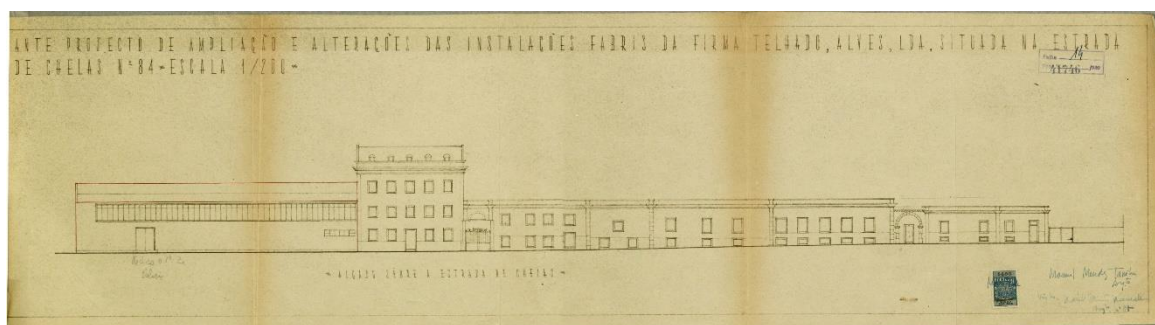
Fonte: AML



Ampliação do Edifício das Caldeiras (1947)

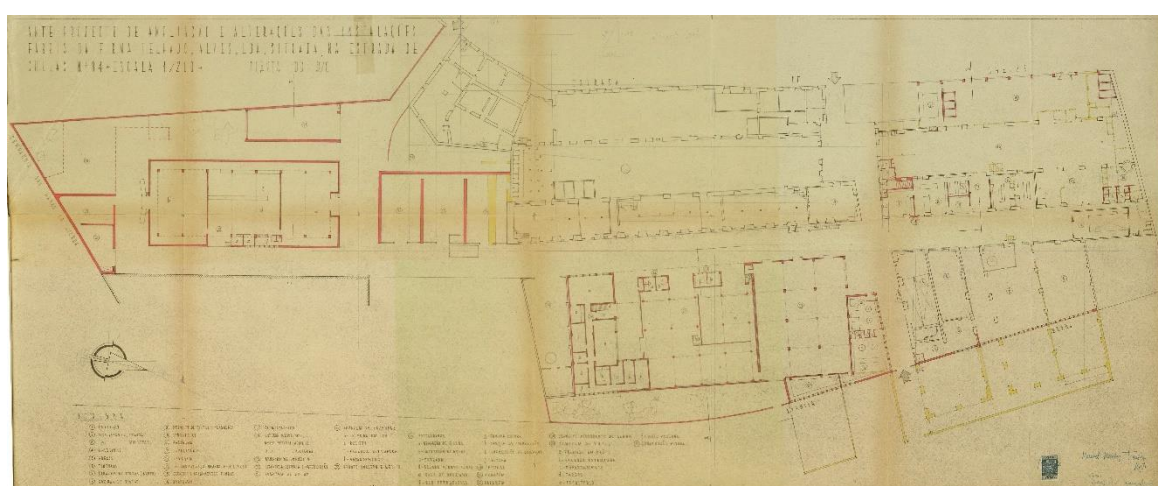
Fonte: AML





Levantamento pelo Arq. Manuel Mendes Tainha (1949)

Fonte: AML



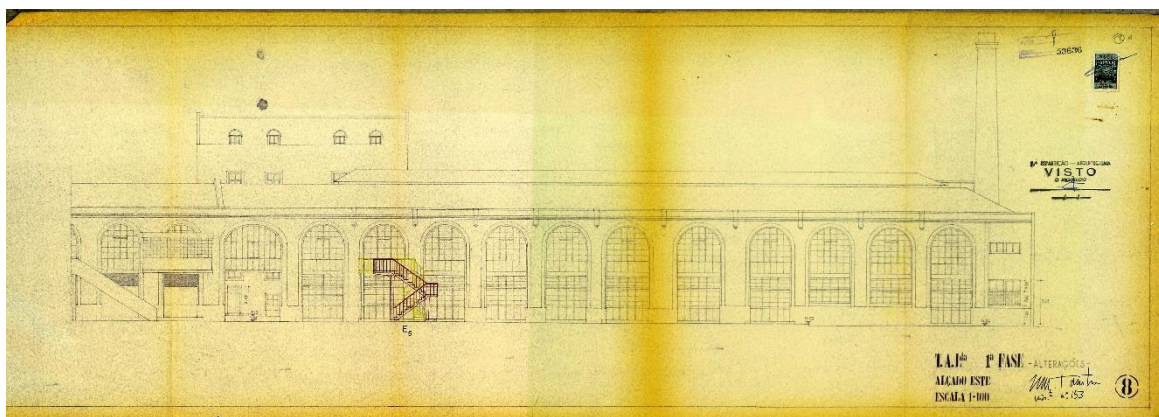
Levantamento pelo Arq. Manuel Mendes Tainha (1949)

Fonte: AML



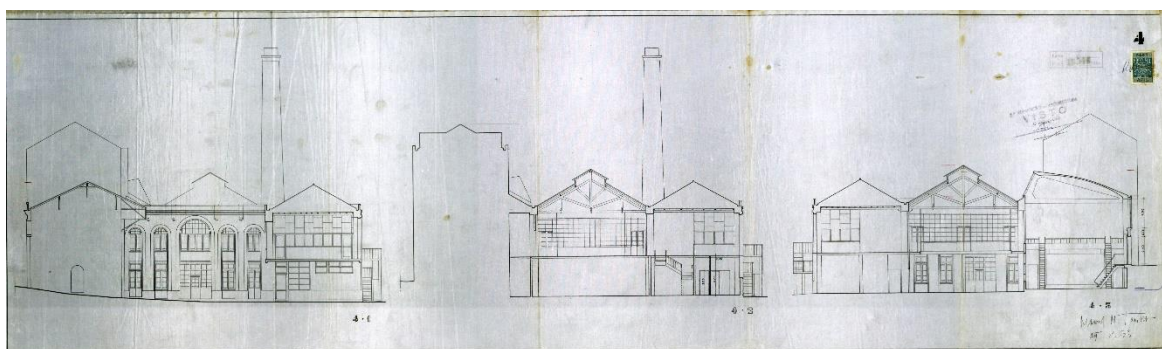
Fachada Principal da Tinturaria Portugália (1923)

Fonte: AML



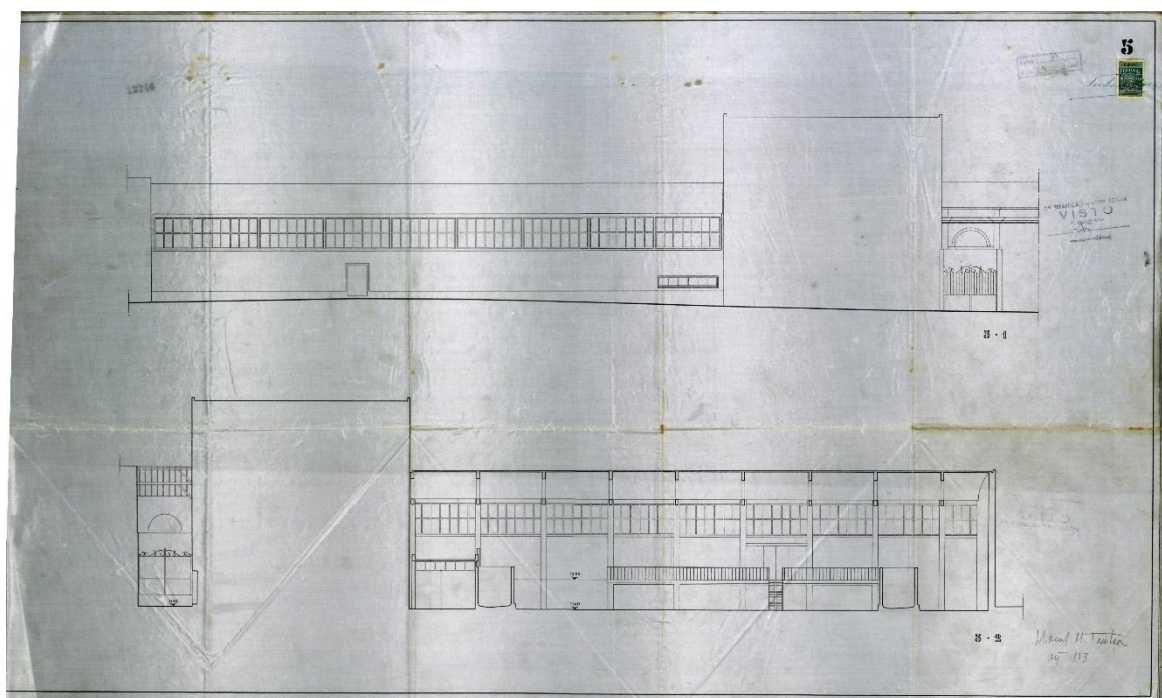
*Alterações na Fachada Principal (1957)*

Fonte: AML



*Cortes Transversais (1957)*

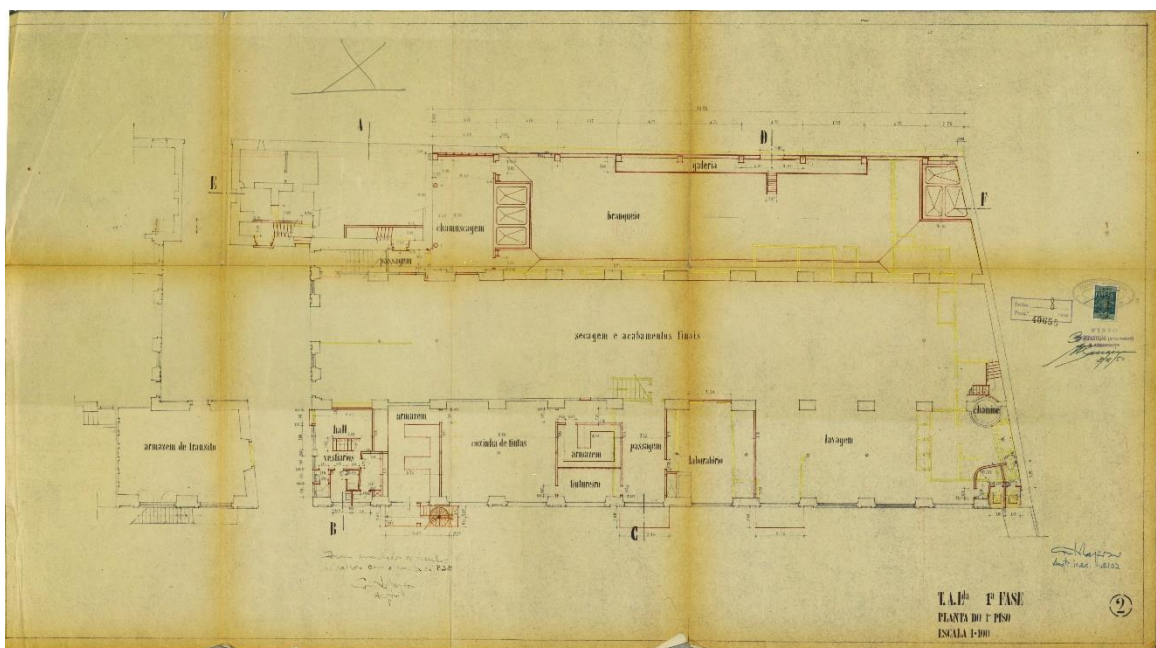
Fonte: AML



*Cortes Longitudinais (1957)*

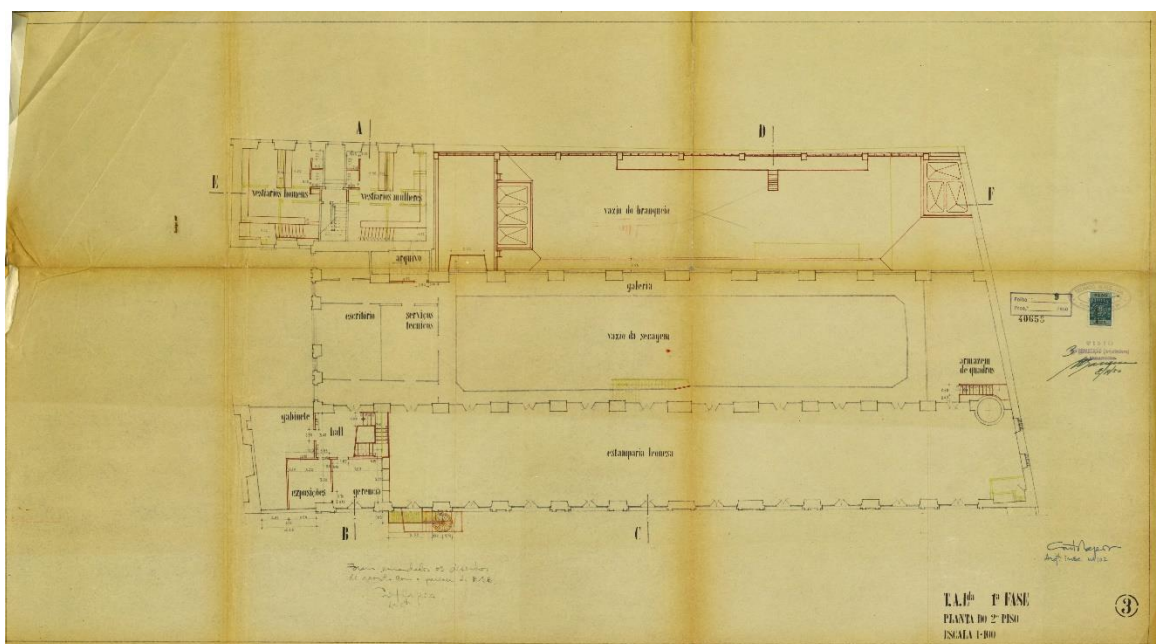
Fonte: AML





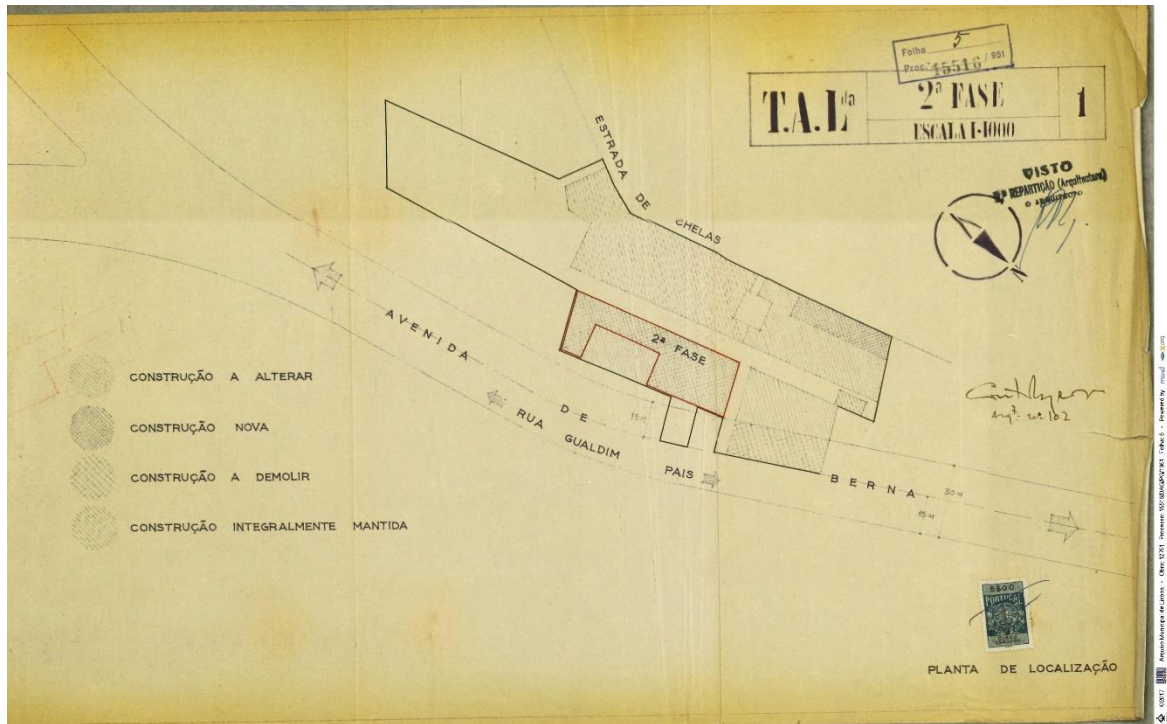
Planta Piso 0 da Fase 1 (1951)

Fonte: AML



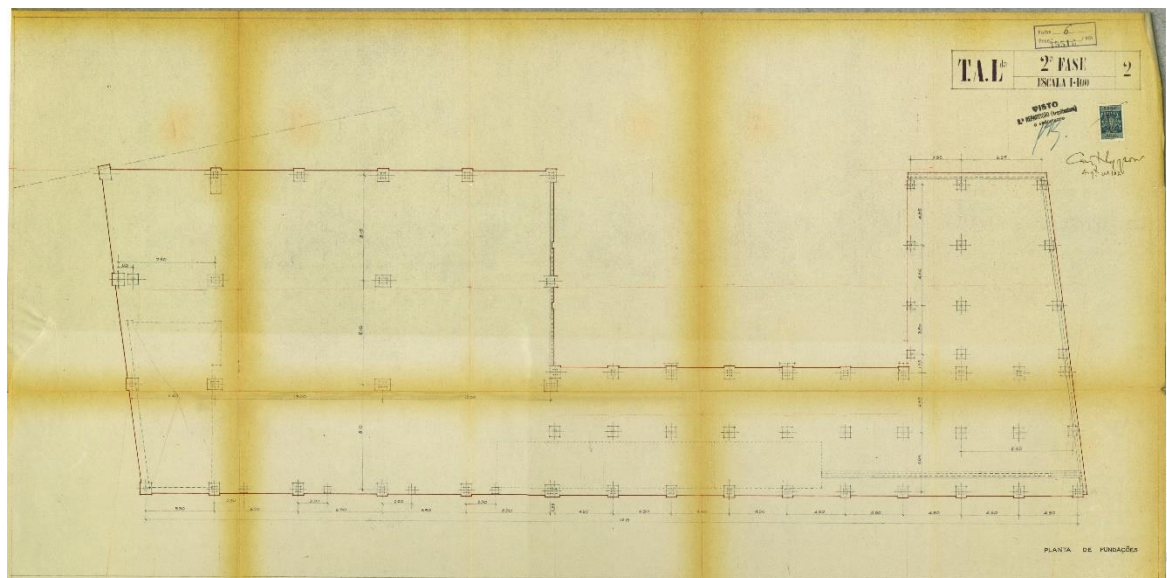
Planta Piso 1 da Fase 1 (1951)

Fonte: AML



Localização - Fase 2 (1951)

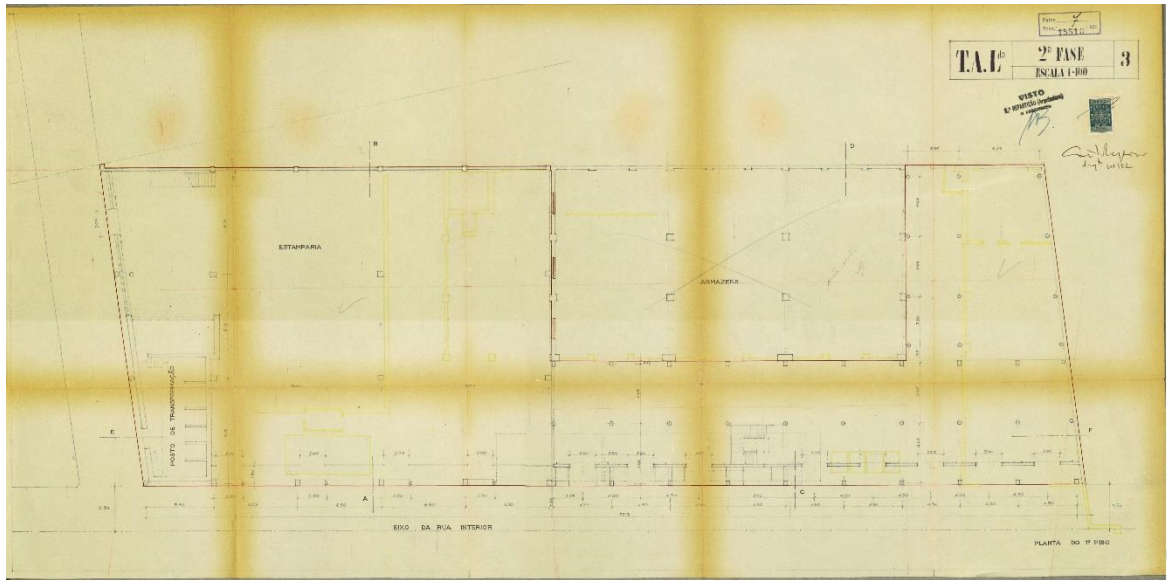
Fonte: AML



Fundações - Fase 2 (1951)

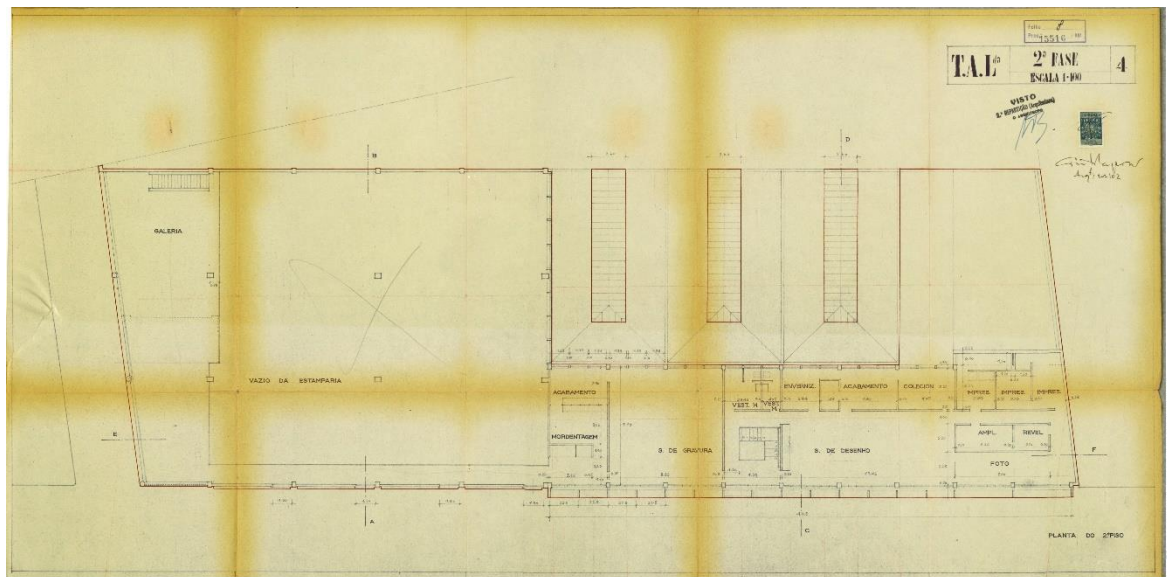
Fonte: AML





*Piso Térreo - Fase 2 (1951)*

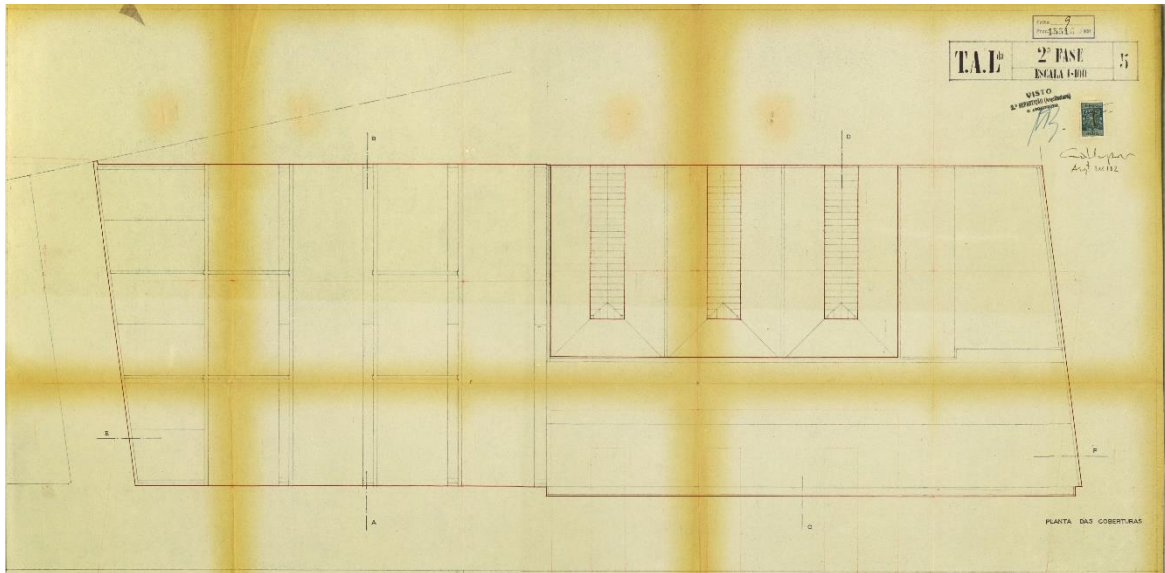
Fonte: AML



*Piso 1 - Fase 2 (1951)*

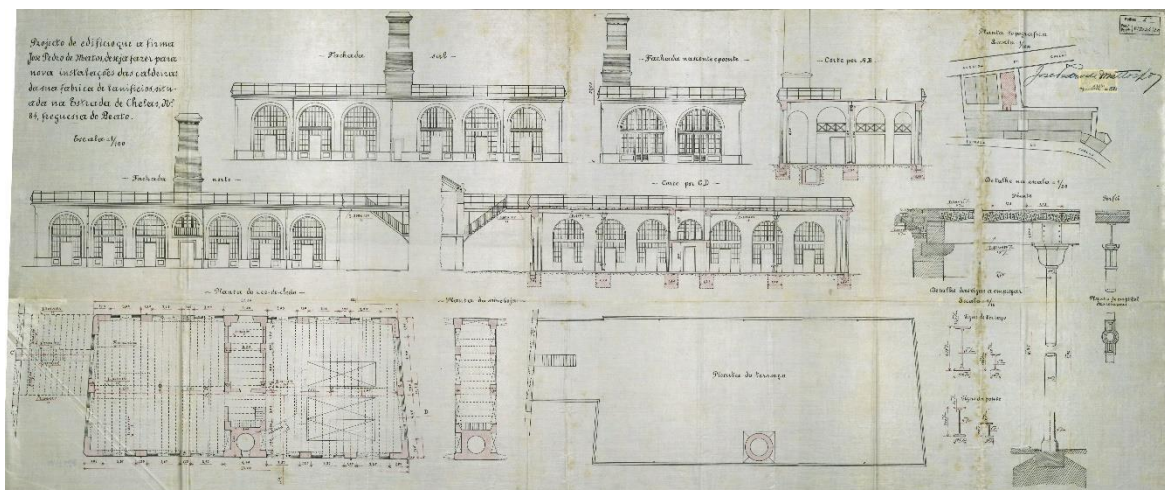
Fonte: AML





*Cobertura – Fase 2 (1951)*

*Fonte: AML*

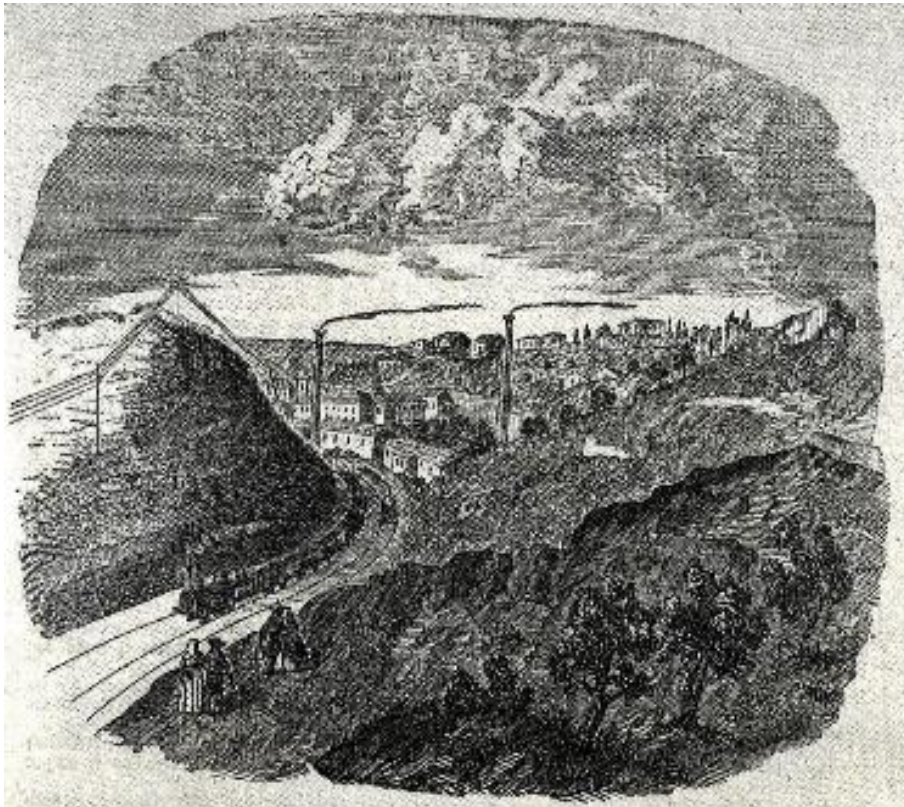


*Edifício das Caldeiras (1920)*

*Fonte: AML*



## Anexo II – Iconografia Histórica



*Vale de Chelas e os Caminhos de Ferro (1857)*

*Fonte: Archivo Pittoresco*



*Desenho de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, gravura em madeira de João Maria*

*Batista Coelho (1857)*

*Fonte: Archivo Pittoresco*





*Vale de Chelas (1990*

*Fonte: AML*



*Vista a partir do Rio Tejo para a zona industrial de Xabregas*

*Foto de Eduardo Portugal | Fonte: AML*



*Vista aérea da zona do Poço de Bispo e do lado oriental do Porto de Lisboa*

*Fonte: AML*



*Antigo Mercado de Xabregas (1939)*  
*Foto de Eduardo Portugal | Fonte: AML*



*Antigo Mercado de Xabregas praticamente destruído pelas águas torrentes*  
*Foto de Ferreira da Cunha | Fonte: AML*



*Arco da Vila das e Viaduto de Xabregas*

*Foto de Eduardo Portugal | Fonte: AML*





*Mercado Municipal de Xabregas (1967)*

*Foto de João H. Goulart | Fonte: AFML*



*Mercado de Xabregas (1967)*

*Foto de João Marques de Oliveira | Fonte: AML*





*Vista aérea do Bº Madre de Deus a Alvalade, Lisboa*  
*Foto de Mário Oliveira | Fonte: Arquivo Fotográfico C.M.L*



*Lisboa, Vale de Chelas, Ortofotomapa 1947*  
*Fonte: CIGeoE - Centro de Informação Geoespacial do Exército*



*Vista Panorâmica da Tinturaria Portuguesa*



*Zona industrial do Vale de Chelas a partir do cemitério Alto de S. João*





*O Chefe de Estado e o ministro do Comércio durante a visita à Fábrica Amidex (1938)*

*Fonte: Jornal O Século*



*O Chefe de Estado e o ministro do Comércio durante a visita à Fábrica Amidex (1938)*

*Fonte: Jornal O Século*



*O Chefe de Estado e o ministro do Comércio durante a visita à Fábrica Amidex (1938)*

*Fonte: Jornal O Século*



*O Chefe de Estado e o ministro do Comércio durante a visita à Fábrica Amidex (1938)*

*Fonte: Jornal O Século*



*Instalações da Tinturaria Portugália*  
*Fonte: AML*



*Fachada da Tinturaria Portugália alguns anos após o seu encerramento (1998)*  
*Foto de António Sachetti | Fonte: AML*





*Estrada de Chelas ladeada pela Fábrica Tinturaria Portugália (1966)*

*Foto de Artur João Goulart / Fonte: AML*



*Fachada da Fábrica Tinturaria Portugália virada para a Estrada de Chelas*

*Foto de António Sachetti / Fonte: AML*



*Estrada de Chelas antes de chegar à Tinturaria Portuguesa (1966)*

*Foto de Artur João Goulart | Fonte: AML*



*Estrada de Chelas onde se vislumbra a Tinturaria Portuguesa (1966)*

*Foto de Artur João Goulart | Fonte: AML*



*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*





*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*



*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*





*Estado da Fábrica Tinturaria Portuguesa em 2015*



*Estado da Fábrica Tinturaria Portugália em 2015*



*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*

*Levantamento elaborado pelo autor*



*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*





*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*



*Estado Atual da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)*  
*Levantamento elaborado pelo autor*





Várias Publicidades da Fábrica Amidex



## OS CASAMENTOS DA MANHÃ DE SANTO ANTÓNIO

**A TINTURARIA PORTUGÁLIA**  
oferece a limpeza dos fatos  
de todos os noivos (Ler notícia na página II)

## OS CASAMENTOS DA MANHÃ DE SANTO ANTÓNIO

## VALIOSAS ADESÕES NA ANTEVÉSPERA DA CERIMÓNIA

Na antevéspera dos Casamentos da Manhã de Santo António, cerimónia de feição a um tempo espiritual e popular, que, mais uma vez, desperta o maior interesse entre a população lisboeta, é-nos grato divulgar mais algumas valiosas adesões à nossa iniciativa

Assim, a conceituadíssima Tinturaria Portuguesa, Lda., com sede na rua Alfredo da Silva, 10, em Lisboa, e filiais em todos os bairros da capital e ainda em Cascais, Estoril e Moscavide, muito generosamente oferece a todos os casais de noivos a limpeza a seco de um fato

A Tinturaria Portuguesa, Lda., que há muito se encontra na vanguarda deste ramo de negócio, pelos mais modernos processos que utiliza e pela preferência que a maior parte do público lhe dispensa, encontra-se apta a proceder

à limpeza de qualquer peça de vestuário, desde vestidos, fatos, casacos, sobretudo, casacos de antilope, até passadeiras, alcatifas, carpetes, etc.

Por tão preciosa colaboração apresentamos o nosso agradecimento. Também os beneficiados manifestam o seu reconhecimento por tão gentil oferta

**A Estalagem Claras, em Leiria, oferece a estada de uma semana a um casal de noivos**

A conceituada Estalagem Claras, na avenida Heróis de Angola, em Leiria, quis uma vez mais estar presente ao nosso empreendimento e pô-lo de forma a ser oredora do reconhecimento do casal beneficiado. Com efeito a Estalagem Claras oferece a estada de uma semana, em pensão completa, a um casal de noivos

Esta estalagem, situada no coração daquela linda cidade, não só goza de situação turística privilegiada, pois fica na estrada Lisboa-Porto e no centro de uma região de magníficas atracções arquitectónicas e paisagísticas, como possui instalações modelares que proporcionam um ambiente de raro gosto e optimo acolhimento. Esta estalagem está à altura de servir uma esme-

rada cozinha regional e internacional do mais refinado bom gosto.

Encontra-se igualmente dotada de moderno e confortável salão de estar, bar restaurante, quartos de uma e duas camas (com ou sem sala privativa), mas todos com varanda, casa de banho e telefone, sendo por isso preferida e disputada pelos turistas que visitam aquelas paragens.

Por tão preciosa colaboração o nosso reconhecimento.

**Sessenta caixas de marmelada da conceituadíssima marca Be-Lem — gentil oferta da Refinação de Açúcar e Confeitaria de Belém, Lda.**

Num amável e ofício que muito agradecemos, a Refinação de Açúcar e Confeitaria de Belém, Lda. (Fábrica dos Pastéis de Belém) fundada em 1837, com instalações na rua de Belém, 84 a 92, dá-nos conta de que pôs à disposição do nosso jornal, com destino às noivas, sessenta caixas de marmelada da conceituada marca Be-Lem, um esmerado e especial fabrico daquela organização. Cada caixa contém cinco quilos daquele apreciado produto, de tão grande utilidade em cada lar.

A Refinação de Açúcar e Confeitaria de Belém, Lda., encontra-se apercebida de molde a manufacturar todos os seus produtos com o máximo de higiene empregando as melhores matérias e artigos rigorosamente seleccionados. Com mais de um século de existência, tem vindo essa firma a impor-se à consideração do público consumidor que a distingue com a sua preferência em termos que causam o orgulho dos sócios e gerentes da importante firma.

Por tão cativante colaboração manifestamos o nosso reconhecimento, e ainda o de todas as noivas contempladas.

**Oliveira & Torroaes Lda. oferecem para as noivas 18 garrafas de Vinho do Porto «Kopke Lacrima Christi»**

Os armazenistas de mercearia Oliveira & Torroaes Lda., da rua do Salitre 123 com representações de frutas, chás e cafés, especiarías, mercearias finas, vinhos, conhaques, champans, licores, e agente depositários dos famosos produtos «Kopke» muito amavelmente oferecem para serem distribuídas pelas noivas dezoito garrafas de vinho do Porto «Kopke Lacrima Christi», que ajudarão a recheiar a despesa das contempladas.

Os maiores agradecimentos,

Publicidade referente aos serviços da Tinturaria Portuguesa

ANO I  
 N.º 2  
 DEZEMBRO  
 DE 1974



# O FUSO

JORNAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TEXTEIS  
DE LISBOA LANIFICIOS E VESTUÁRIO DO SUL

## NA TINTURARIA PORTUGÁLIA

### A LUTA CONTINUA

"O Fuso" foi à Tinturaria Portuguesa ouvir alguns dos trabalhadores em luta. Soubemos, através do que escreveram, que:

Apresentamos em Julho um CADERNO REIVINDICATIVO tendo o PATRAO aceitado parte dele e adiado a sua resposta em relação à parte mais importante do CADERNO que dizia respeito às REIVINDICAÇÕES SALARIAIS que exigiam um SALÁRIO MINIMO de 4500\$00.

Quarta-feira dia 13 de Novembro realizou-se um plenário no qual o PATRAO afirmou que não podia proceder a qualquer aumento. Face a esta posição decidimos dar ao PATRAO um ULTIMO PRAZO até 2.ª feira ao meio-dia, findo o qual entraremos em greve. Foi feita uma penitência pelo SINDICATO que provou haver possibilidade de tal aumento.

Este comunicado foi escrito na 6.ª feira, dia 15 de Novembro e logo na 2.ª feira à sala outra informação dos trabalhadores.

Na 6.ª feira, dia 15 entregámos gratuitamente grande parte da roupa aos clientes. Esta forma de luta foi um aviso ao PATRAO que nem sequer se dispõe a sentar à mesa para negociar...

Continuamos e continuaremos a ocupar as instalações da fábrica enquanto for necessário para os objectivos da nossa luta. Todos estes dias tem sido aproveitados para discutir os problemas e os caminhos para os resolver, preparando-se o PLENARIO do hoje.

Neste PLENARIO — 3.ª dos trabalhadores da TINTURARIA PORTUGALIA — hoje dia de greve geral, vai ser decidido a continuação da nossa luta.

A greve inicia-se às 12H. e o PLENARIO às 19H.30M. conforme decisões nossas no 2.º PLENARIO.

Continuar a greve ou continuar a luta com a fábrica e as lojas a funcionar.

OS TRABALHADORES DA

## COMO ESTAMOS A FAZER

### O NOSSO CONTRATO

Como dissemos no último número do nosso jornal, para que o nosso novo contrato colectivo de trabalho possa ser algo de significativo na nossa vida de trabalhadores são precisas duas coisas:

1.ª — O acompanhamento de todo o processo da contratação colectiva por parte de todos os trabalhadores, e a sua participação activa na definição de quais devem ser as nossas reivindicações para o nosso contrato colectivo.

2.ª — Que o nosso contrato seja a unificação das lutas que temos travado nas fábricas e locais de trabalho; isto é, que o novo contrato traga para toda a classe as melhores condições de vida e de trabalho que alguns camaradas conseguiram conquistar nas lutas que tiveram (e continuam a ter) contra o patronato.

Estas duas condições não se podem fazer separadamente, quer dizer: para que o nosso novo contrato seja o momento de unificação das lutas que temos travado nas fábricas, é necessária a participação de todos nós trabalhadores, na definição das conquistas fundamentais que obtivemos na luta contra o patronato. Mas, é claro que, não podemos ter uma discussão correcta numa reunião com 30 ou 40 mil camaradas. Por isso, foram criados grupos de trabalho sobre os assuntos fundamentais da contratação colectiva, que funcionaram divididos por dois grandes grupos:

- 1 — Categorias
- 2 — Clausulado

O 1.º grupo, o das categorias, trabalhou dividido da seguinte forma:

- 1.1 — Lanificios
- 1.2 — Têxteis
- 1.3 — Malhas
- 1.4 — Sirgaria e Passamanaria
- 1.5 — Confeccções de Pronto-a-Vestir
- 1.6 — Confeccções por medida
- 1.7 — Cordearia
- 1.8 — Redes de Pesca
- 1.9 — Peles
- 1.10 — Tinturarias
- 1.11 — Lavandarias.

Como se vê, pelo nome que lhe demos, este 1.º grupo dedicou-se ao estudo e definição dos diferentes tipos de trabalho, de modo a que, cada categoria corresponda na verdade aos processos concretos de trabalho e não permita que a atribuição de categorias seja deixada à vontade do patrão, isto é, de modo a que as diferentes categorias e os respectivos trabalhos não sejam inventados pelos patrões, para mais nos explorarem e dividirem. Este 1.º grande grupo de trabalho, também discutiu e definiu os períodos de aprendizagem ou prática necessários para se obter as diferentes categorias.

O 2.º Grupo, o do clausulado, trabalho, dividido nas seguintes secções:

- 2.1. — Despedimentos
- 2.2. — Higiene, Segurança e Medicina no Trabalho e Regulamentação do Trabalho de Mulheres e Menores.
- 2.3. — Admissão, Carreira Profissional e Remunerações
- 2.3. — Admissão, Faltas e Horário de Trabalho



Os protestos dos trabalhadores acentuavam-se

Fonte: AML



Nós trabalhadores da Tinturaria Portugália, encontramos-nos neste momento em luta pelos nossos justos direitos.

Apresentamos em Julho um caderno reivindicativo, tendo o patrão aceiteado parte dele e adiando a sua resposta, em selução à parte mais importante do caderno à parte que dizia respeito às reivindicações salariais que exigiam um salário mínimo de 4.500\$00.

Quarta feira dia 13 realizou-se um plenário no qual o patrão afirmou que não podia proceder a qualquer aumento, face a esta posição decidimos dar-lhe um último prazo até 24 feira ao meio-dia, findo o qual entraremos em greve dado que foi feita uma pergunta escrita ao Sindicato que provou haver possibilidade de tal aumento.

Até 24 feira faremos um esforço de divulgação e informação das razões da nossa luta e 6ª feira, conforme de presão distribuiremos a roupa de graça aos clientes.

Sabemos que a nossa luta, não é uma luta isolada, ela faz parte da luta de classe trabalhadora contra a exploração.

Os patrões, como os da Tinturaria Portugália, serviram-se muitos anos da represão brutal para nos tentar calar. Depois do 25 de Abril vendo parte dos seus lucros ameaçados, tentam mostrar que as suas empresas nada rendem e que só não dão aumentos por que as receitas não chegam. Com isto, tentam enganar-nos e ameaçar-nos com o encerramento e com o "caus económico" para poderem continuar a fazer as suas vidas regaladas e morrerem empantorrados de dinheiro.

A reacção de que tanto ouvimos falar, nada mais é que o patronato organizado, e para o combater é fundamental a união dos trabalhadores para a conquista dos seus direitos.

Os trabalhadores são aqueles que tudo produzem, os patrões são aqueles que vivem à custa da exploração dos trabalhadores, por isso, aqui na Tinturaria Portugália como em todo o lado onde existem patrões e trabalhadores a luta tem de continuar.

- SÓ A LUTA DOS TRABALHADORES AO LADO DO M.F.A. PODE DEFENDER A DEMOCRACIA.
- VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES.
- NA TINTURARIA PORTUGÁLIA A LUTA CONTINUA

*O Fim*

*Fonte: AML*



## Anexo III – Dados Estatísticos e de Análise

Tabela 1 - Nº de Residentes existentes nas áreas de Lisboa e do Beato

Dados sobre o Território	Área (Km2)	Indivíduos Residentes (nº)
<b>Lisboa</b>	86	552 700
<b>Beato</b>	1.71	12 737

Fonte: Censos 2011

Tabela 2 - População da Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

Dados Sobre a População	Lisboa	Freguesia do Beato
<b>Densidade Populacional (Hab./Km2)</b>	6 446.2	7 412.1
<b>População entre os 0 e 14 (%)</b>	13 %	12.2 %
<b>População entre os 15 e 64 (%)</b>	63.3 %	61.5 %
<b>População com 65 e mais anos (%)</b>	23.7 %	26.3 %
<b>População com 75 e mais anos (%)</b>	12.5 %	12.5 %
<b>Índice de juventude (Base 100)</b>	54.7	46.2
<b>Índice de Envelhecimento (Base 100)</b>	182.8	216.6
<b>Índice de Longevidade (Base 100)</b>	52.9	47.4
<b>Número de indivíduos com 65 e mais anos que vive só no alojamento (nº)</b>	33 262	952
<b>Famílias clássicas de um só 1 indivíduo com 65 e mais anos que vive só no alojamento (%)</b>	14.3%	16.2%
<b>População com dificuldades de andar/subir, em edifícios com 2 ou mais pisos sem elevador (nº)</b>	26 309	878

Fonte: Censos 2011

Tabela 3 - Famílias da Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

Dados Sobre as Famílias	Lisboa	Freguesia do Beato
Famílias Clássicas Unipessoais (nº e %)	85 875 34.9%	12.2 35.6%
Famílias com pessoas com dificuldades (nº e %)	73 153 29.5%	2 118 35.9%
Famílias Clássicas com 5 ou mais pessoas (%)	5.1%	4.7%

Fonte: Censos 2011

Tabela 4 - Escolaridade associada à Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

Dados Sobre a Educação	Lisboa	Freguesia do Beato
População residente com ensino superior completo (%)	27.3%	14.5 %
Taxa de Analfabetismo (%)	3.2%	4.3 %
Taxa de Abandono Escolar (%)	1.8%	2.8 %

Fonte: Censos 2011

Tabela 5 – Dados sobre o trabalho na Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

Mercado de Trabalho	Lisboa	Freguesia do Beato
Taxa de desemprego (%)	11.8 %	16.6 %
Taxa de actividade (%)	47.7 %	45.2 %
População desempregada com o ensino superior completo (%)	21.2 %	11.6 %
População entre 20 e 29 anos que não estuda nem trabalha (%)	18.2 %	25.9 %

Fonte: Censos 2011

Tabela 6 - População sem abrigo na Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

População Sem-abrigo	Lisboa	Freguesia do Beato
População Sem-abrigo a pernoitar na rua 2013 (nº)	852	7
População Sem-abrigo a pernoitar na rua 2015 (nº)	818	23

Fonte: Censos 2011

Tabela 7 - Dados sobre habitação na Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

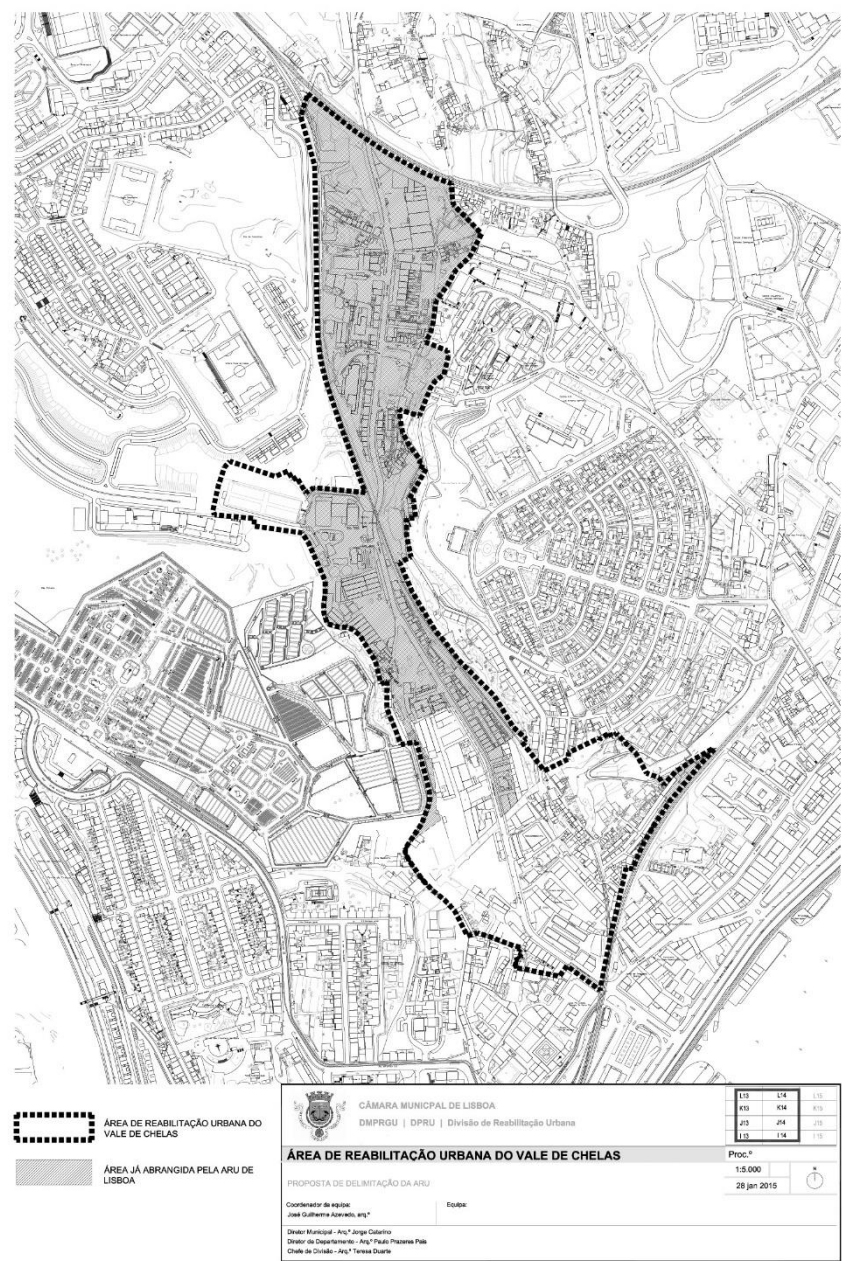
Habitação	Lisboa	Freguesia do Beato
Edifícios clássicos (nº)	52 696	1863
Edifícios com necessidade de grandes reparações ou muito degradados (%)	7.4 %	13.0 %
Alojamentos familiares vagos (%)	15.8 %	16.9 %

Fonte: Censos 2011

Tabela 8 - Prestações sociais dos residentes na Freguesia do Beato em comparação com a cidade de Lisboa

Prestações Sociais	Lisboa	Freguesia do Beato
Beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI) 2014 (% e nº)	6 % 9 900	3.0% – 5.1 % 978
Beneficiários de Complemento Solidário de Idosos (% e nº)	21.2 % 2 966	5.6% – 8.7 % 248

Fonte: Censos 2011

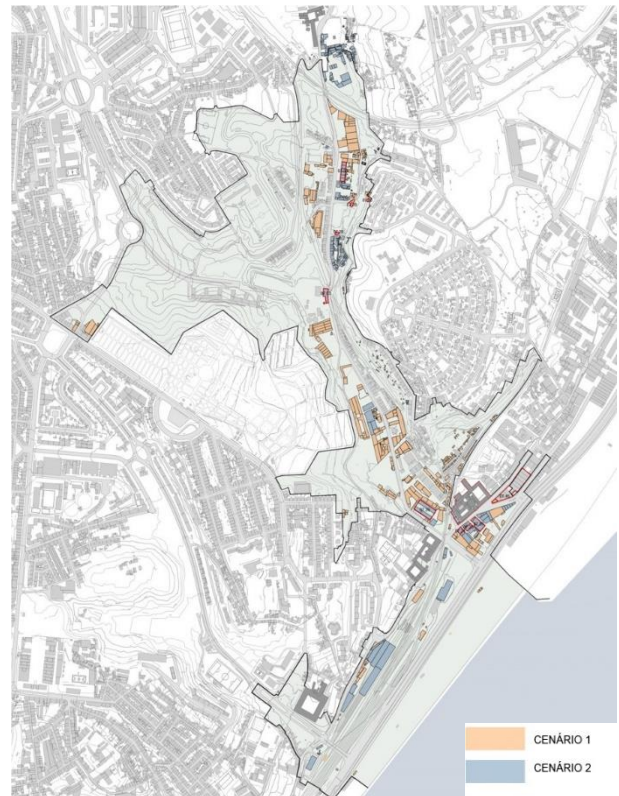


ARU do Vale de Chelas  
Fonte: CML





*Sistemas de Drenagem de Água + Ar*  
*Fonte: NPK + Falcão de Campos Arquitectos*



*Demolições Previstas*  
*Fonte: NPK + Falcão de Campos Arquitectos*



*Cenário 1*  
*Fonte: NPK + Falcão de Campos Arquitectos*



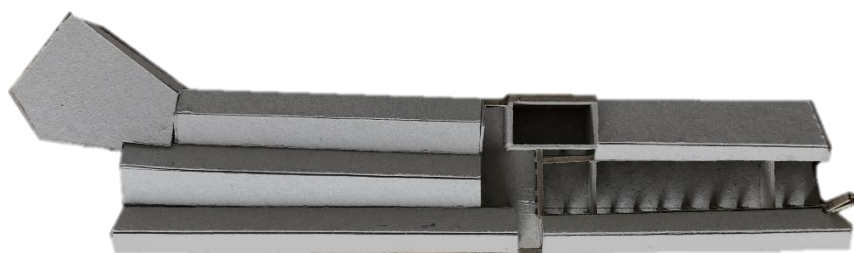
*Cenário 2*  
*Fonte: NPK + Falcão de Campos Arquitectos*



## Anexo IV – Modelos Tridimensionais



*Maquete 1:500 referente ao projeto final de  
Laboratório de Projeto VI*

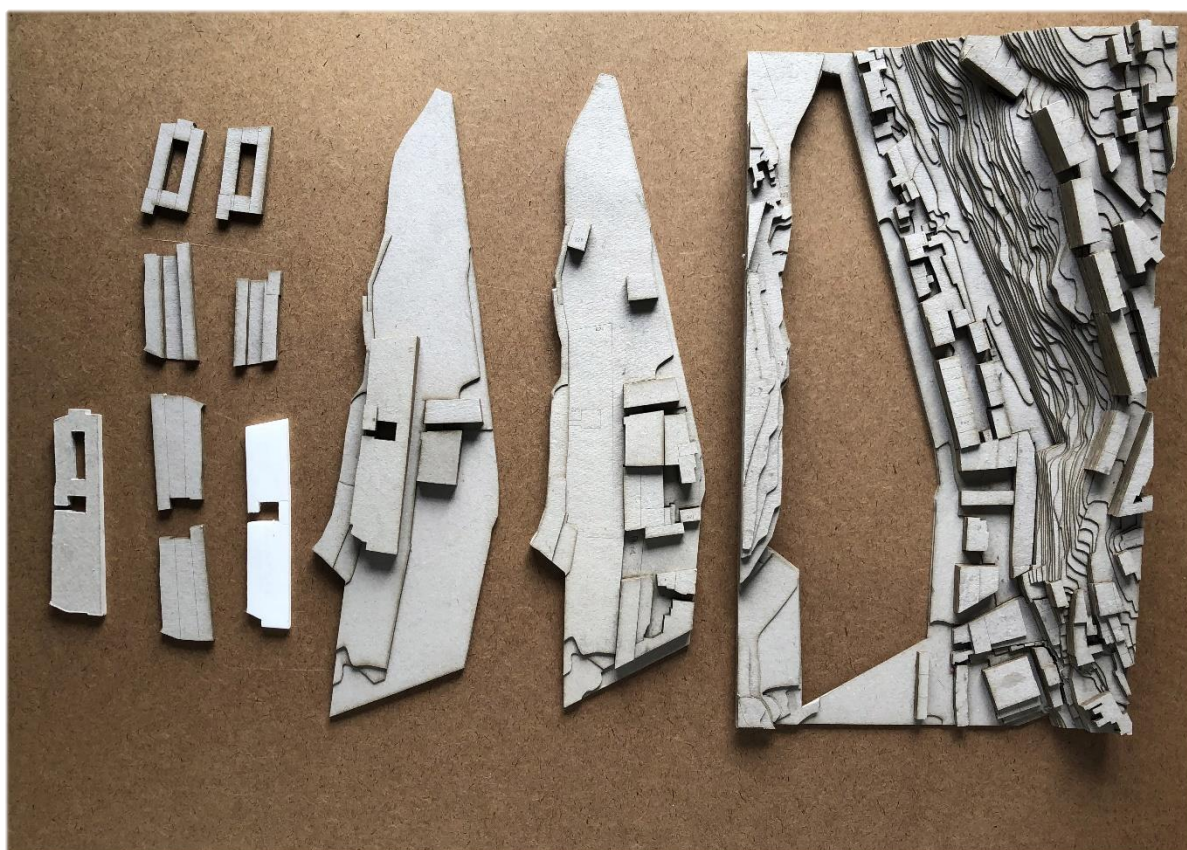


*Maquetes 1:500 referentes ao projeto final de  
Laboratório de Projeto VI*



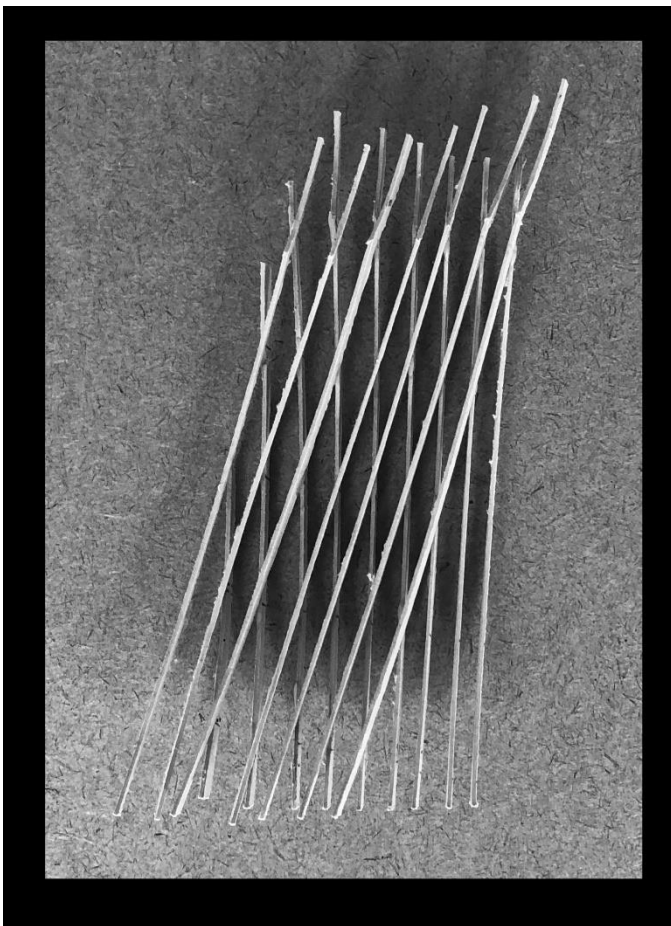
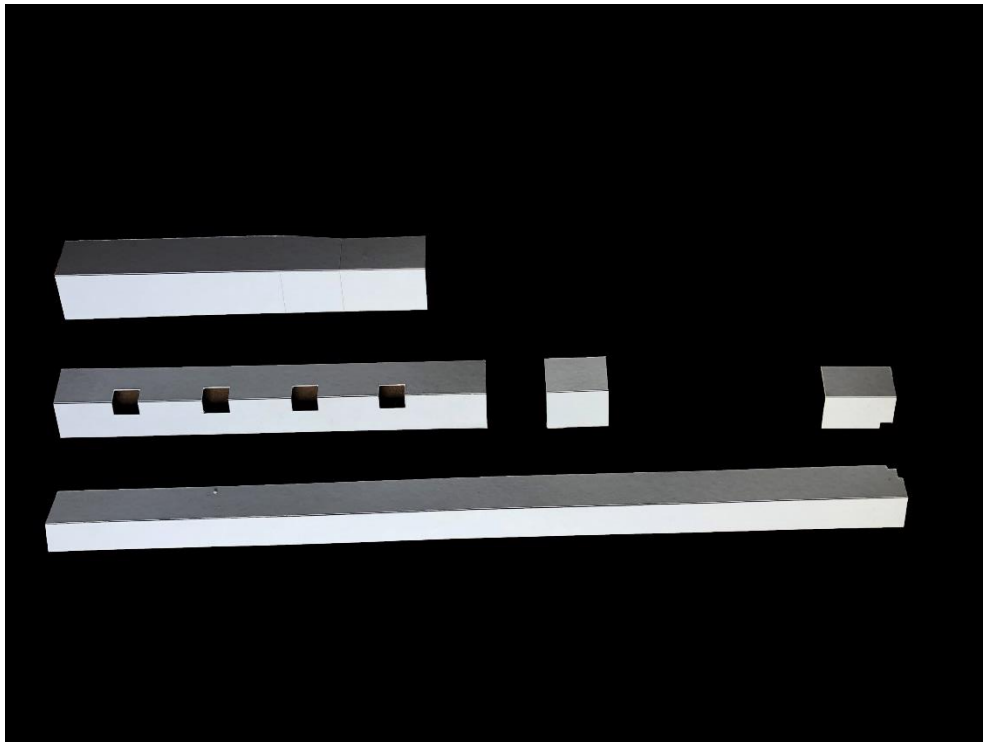


*Vale de Chelas*

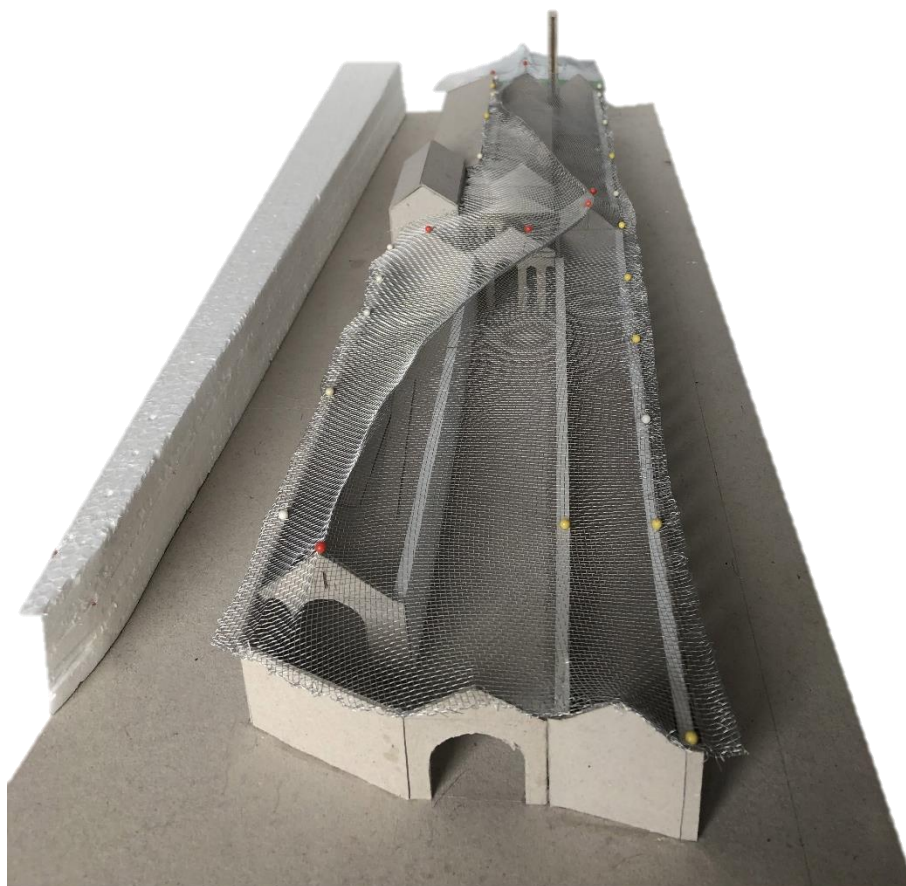


*Maquetes da área a intervir – Várias Escalas*

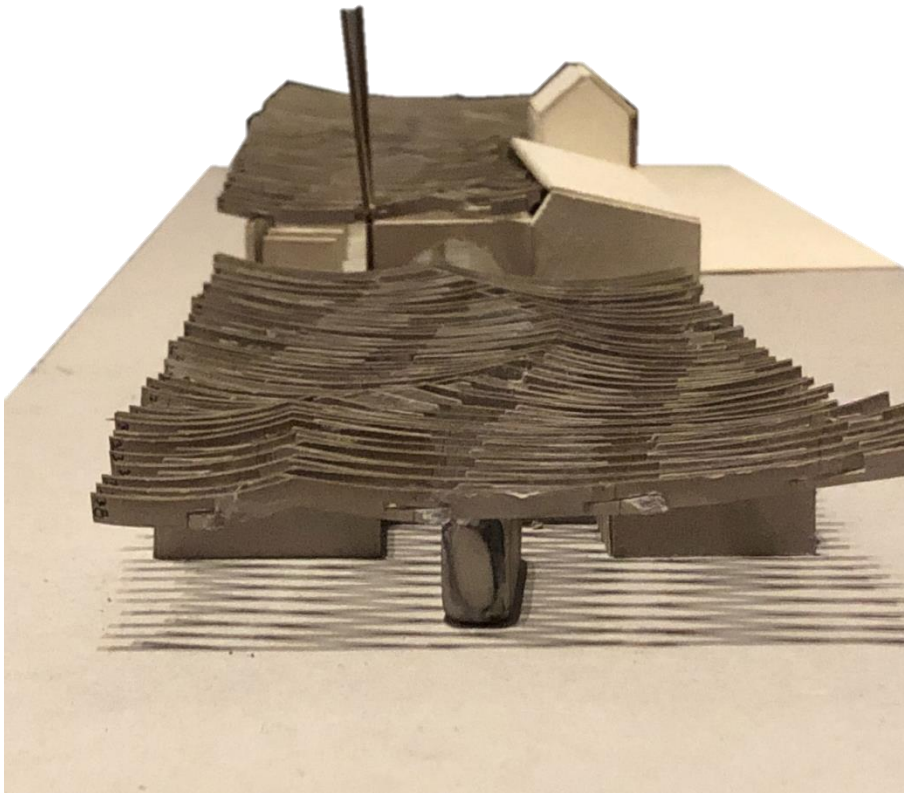
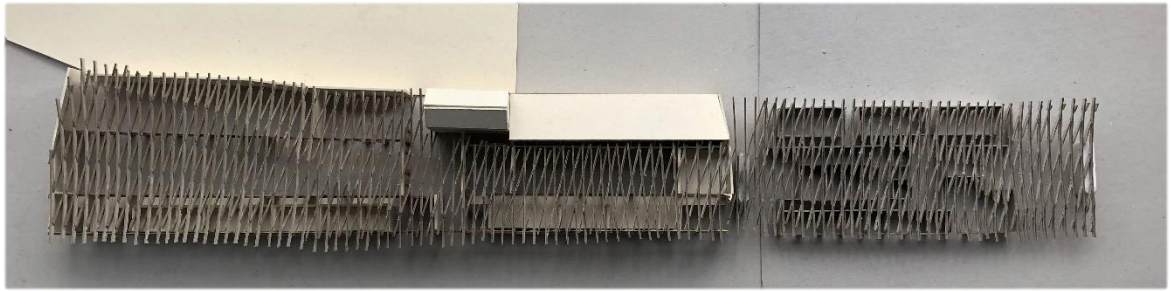




*Estudos de Coberturas – E escala 1:200*



*Estudo da Cobertura – Escala 1:200*



*Maquete 1:200 - Estudo da Cobertura*

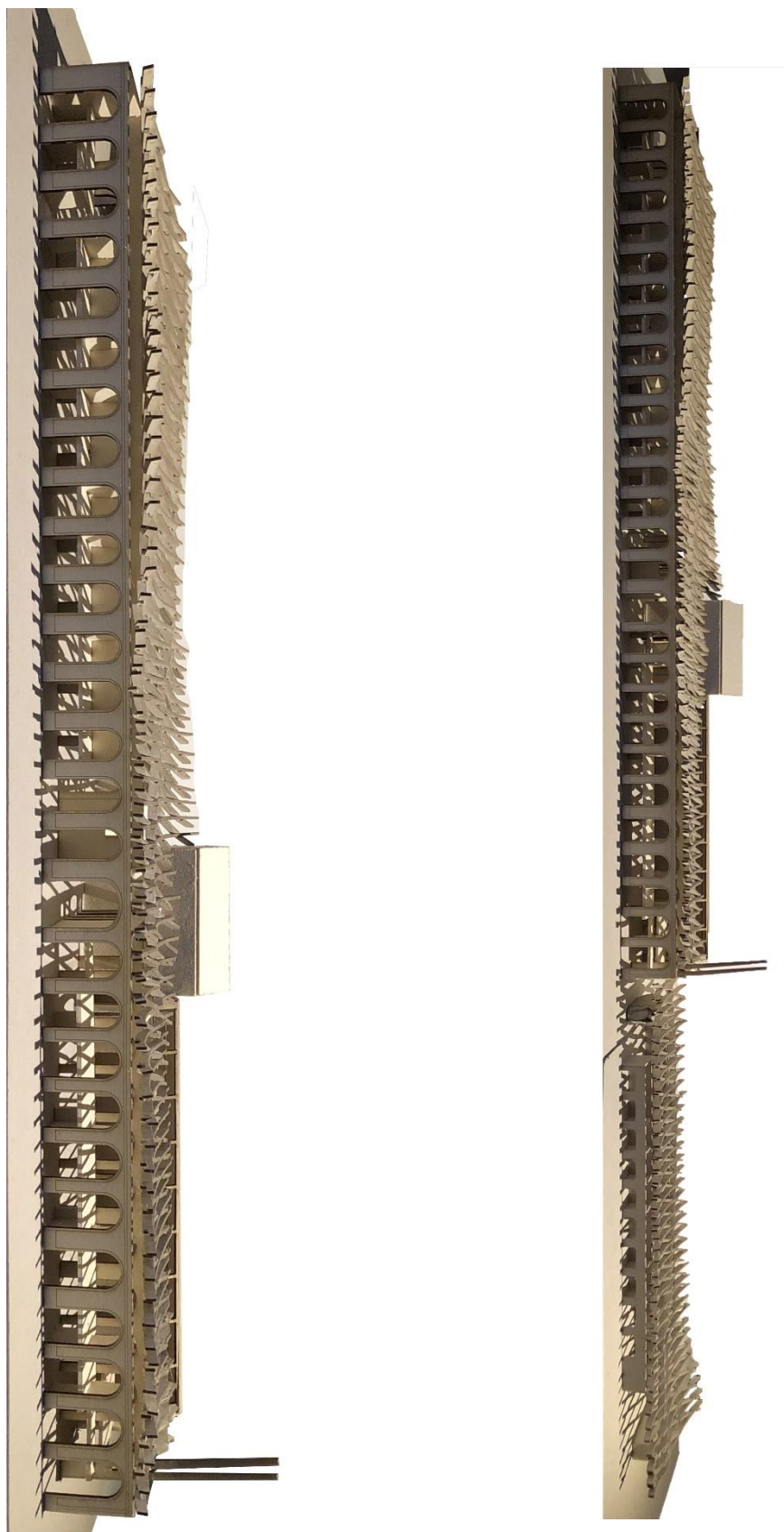


*Maquete 1:50 – Estudo Materialidades Interiores e escala humana no espaço*



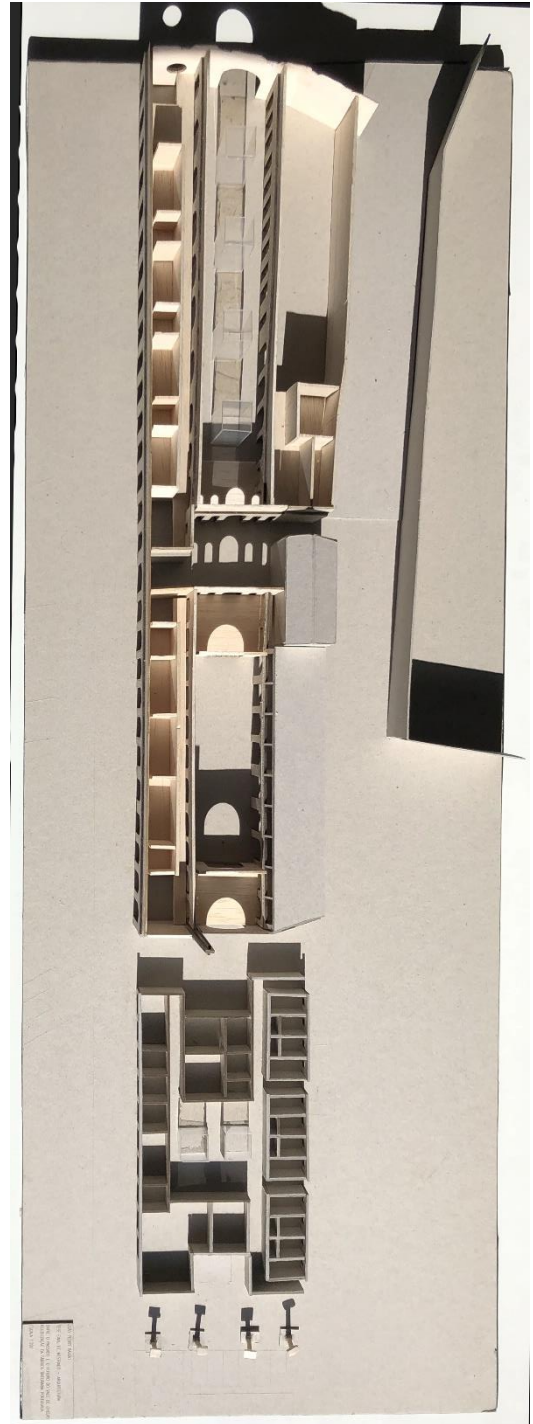
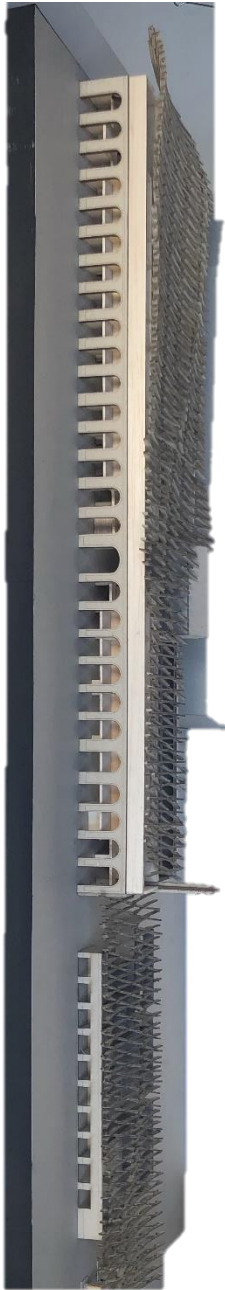


*Estudo efeitos sombra – Escala 1:200*



*Estudo efeitos sombra – Escala 1:200*





*Maquete Apresentação Final – Escala 1:200*



*Maquete Apresentação Final – Escala 1:50*





*Maquete Apresentação Final – Escala 1:50*



*Maquete Apresentação Final – Escala 1:50*





## Anexo V – Conversas Informais

### Perguntas base:

Quais são os principais problemas? O que mudava na rua? Pontos Positivos e Negativos.

O que gostava de ter aqui? O que faz falta?

Sente-se Isolado(a)?

Gostava de ter um centro de actividades?

Gostava de ter um parque com árvores e bancos para estar?

Porque fechou o antigo mercado? Gostava de ter um novo mercado?

Gostava de ter uma horta?

### Conversa 1 – MERCEARIA

**P: Tinha dito que faltava muita coisa... Que tinha uma lista grande não é?!**

Sim! Faltam transportes, por exemplo, só há um autocarro, que vem sempre tarde e a más horas. Faltam lojas aqui na zona. Faltam condições para termos mais pessoas na rua. É uma zona muito envelhecida e ultimamente esquecemo-nos que estamos em Lisboa, parece que vivemos na província, parece que ninguém se preocupa muito com esta zona.

Enquanto não houver investimentos ou incentivos para que haja não parece que esta zona venha a melhorar. Talvez daqui a 1 ou 2 anos isso venha a acontecer, mas neste momento as pessoas estão a deixar esta zona “ao deus dará”.

Há muitos espaços que não estão aproveitados, há casas muito velhas a necessitarem de obras.

Não estamos a criar condições para pessoas novas virem para aqui. Torna-se mais complicado porque aqui só residem pessoas muito idosas.

Há uma quantidade de lojas fechadas, porque não havendo pessoas não é preciso haver lojas.

Há falta de condições, para as pessoas que residem neste momento aqui na rua, por exemplo, uma pessoa de idade não tem condições

para ir sempre que precisa a um hipermercado, embora não seja muito longe, para uma pessoa de idade é complicado. Ao mesmo tempo não temos condições para fazermos grandes obras para dar melhores condições as pessoas porque o lucro que nós temos não é suficiente para melhorar as condições ou para nos mudarmos para uma loja maior. Portanto faz falta, dar condições às pessoas para que venham residir aqui.

**P: Pelo que eu vi antigamente havia aqui um mercado, o mercado de xabregas, sabe porque fechou?**

Penso que seja tenha sido pela falta de clientes.

**P: Pensa que se fosse criado um novo mercado iria haver mais clientes?**

Não, por enquanto ainda não. Esta zona "só vai valer" daqui a talvez 2 anos.

Já anda muita gente aqui à procura de casas, no entanto ainda não há casas com as condições necessárias para atrair novos moradores. As que já estão reabilitadas ou construídas já têm rendas muito elevadas, a rondar os 400€/500€, é evidente que não dá para qualquer pessoa.

Depois temos um oposto, temos rendas caras mas não temos condições para as pessoas virem morar para cá. Esta é a única loja da rua que vende produtos alimentares, temos alguns cafés mas não existe muito mais para oferecer a alguém que venha para aqui.

A verdade é que a rua tem muito trânsito mas não há estacionamento para as pessoas pararem.

**P: Ainda em relação à falta de autocarros, questionei sobre a proximidade as zonas envolventes, dei como exemplo as Olaias, uma zona muito mais movimentada.**

Estamos num sítio em que não temos condições para chegar às Olaias, nem as pessoas das Olaias até aqui. Temos aqui uma rua que chegava à picheleira, mas que está cortada e não passa o trânsito, e que por sinal também tem uma escada que as pessoas podiam subir mas não temos condições porque há muito toxicodependentes que afastam as pessoas dessa zona. As pessoas têm medo de subir, com medo de serem roubadas. Tínhamos aqui também uma rua, onde passa a linha de comboio que está fechada e é proibido passar para a picheleira.

**P: Então há uma limitação logo pela falta de acessos a esta zona.**

É isso, temos os acessos todos fechados. Nós só temos um autocarro para ir tanto para baixo como para cima. Temos autocarros perto, por exemplo o 720 e 735 mas as pessoas não têm como lá chegar. Por aqui têm medo de ir... Temos muitas possibilidades mas estamos presos aqui no vale.

**P: Pensa que seria uma mais-valia a construção de habitação, condomínios, etc.?**

Claro. Seria uma mais-valia.

**P: Então e as pessoas idosas iriam ver isso de bom agrado?**

Sim, porque as pessoas idosas neste momento sentem-se fechadas nesta zona. Por exemplo se quisermos ir à praça do chile, temos de apanhar um autocarro etc. Para uma pessoa de idade é complicado. Seria preferível ter uma zona próxima de casa mais qualificada.

**P: Então e se para construir novas habitações, parques, equipamentos tivessem de haver demolições, como vê isso?**

As pessoas não se iriam importar, querem simplesmente melhores condições.

Se houvesse alguém que investisse na zona e que melhorasse... Era uma mais-valia, neste momento há senhorios que não fazem obras porque também não podem e as rendas são baratas. Mas se houvesse um investimento e as condições melhorassem, deixavam de existir prédios com 2 pessoas e passavam a 6 ou 7... Fosse o que fosse. Além de ser companhia para os idosos, há mais gente no prédio há mais confiança com os vizinhos...

**P: Concorda que se houvesse um centro de dia onde as pessoas tivessem atividades, gostariam de ir?**

Sim, acho que sim. Nós temos aqui uma quinta que se foi degradando com o tempo, e que acabaram por realojar a pessoa que lá morava, no entanto agora está lá uma família de estrangeiros, que secalhar nem legalizados estão e têm água, luz, internet. Legalmente nem deviam existir cá. Deixa-se andar assim? As pessoas não nos incomodam mas que não se apropriem dos espaços das pessoas que já cá estavam sem autorização.

**P: Por exemplo se houvesse melhores acessos e construíssem o mercado e um centro de dia?**

O centro de dia era uma mais-valia. As pessoas de idade iam para lá, estavam entretidas, tinham atividades. À noite vinham para as suas casas. As pessoas precisam de atenção. Já existe um centro de dia na zona do beato mas está cheio. Há casos de pessoas que estão à espera de lugar para irem para lá. Algo desse género aqui próxima dava muito jeito. Até para crianças, uma creche...



**P: Aqui há muitos terrenos agrícolas, pessoas que se apropriam para fazer das hortas, acha que há mais gente interessada em ter um pequeno terreno para cultivarem as suas próprias coisas?**

Acho que as pessoas são muito idosas e já não têm saúde para essas atividades. Um ou outro talvez o faça. Mas maior parte já não tem saúde para isso. Se fosse mesmo perto de casa talvez, mas penso que não.

Daqui a uns anos esta conversa vai mudar por completo, porque cada vez há mais pessoas a comprar prédios e tudo mais. Daqui a uns anos vai valer a pena investir aqui. Estão a fazer obras no poço bispo, os condomínios que vão trazer pessoas. No entanto há o caso de alfama em que as pessoas são postas na rua e isso irá acontecer também aqui. No entanto deveriam ser realojadas, não devem ser esquecidas.

Já existiram aqui 7 mercearias, o mercado, peixaria, padaria, agora não temos nada disso.

**P: Por exemplo se as pessoas quiserem comprar peixe e carne como fazem?**

Não têm como comprar, compram congelado (aqui). As pessoas mais idosas não gostam de ir ao hipermercado, têm de andar muito e ficam muito perdidas com tanta opção. Para nós é melhor mas as pessoas mais idosas já preferem o comércio local mais pequeno.

### **Conversa NUMERO 2 – PESSOA NA RUA**

Agora vê-se que há pessoas mais novas a comprar e a investir.

Há mais reabilitação porque não se pode deitar abaixo não é! Estão a reconstruir e a fazer coisas mais modernas.

As pessoas são humildes, muito idosas, mas esta zona funciona apenas como dormitório.

Esta estrada neste momento está melhor porque já está alcatroada, antigamente era de terra batida. Na altura da expo 98.

**P: Um centro dia seria bom para esta zona?**

Sim penso que sim, a população aqui é bastante envelhecida.

A junta já tem apoio domiciliário. Uma coisa é certa, a junta de freguesia aqui fez um bom trabalho (Beato). O antigo presidente da junta era muito conhecido e as pessoas gostavam muito dele.

Há que fazer algo que traga gente nova, algo diferente. O pobre com o pobre não trás nada de novo.

Esta rua teve muito movimento com o funcionamento dos antigos restaurantes. As pessoas faziam fila para o restaurante do Sr. Daniel e aquele que está fechado (do outro lado da rua). Outro mais a cima, que se chama a Bomba. Antes não se conseguia por aqui um carro, porque esta era uma zona muito junta ao rio e muitos despachantes enchiam por completo todos estes estabelecimentos. Agora há que haver outros incentivos para o comércio local.

## Anexo VI – Apresentação